

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
*MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO*

**Renovação Carismática Católica**  
**na Perspectiva do Outro:**  
*Um olhar de fora para dentro*

*ROQUE TOSCANO*

**GOIÂNIA**  
**2001**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA**  
***MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO***

**Renovação Carismática Católica**  
**na Perspectiva do Outro:**  
*Um olhar de fora para dentro*

*Roque Toscano*

ORIENTADORA

*Profa. Dra. Laura Chaer*

*Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Religião como requisito para obtenção do Grau de Mestre.*

**GOIÂNIA**  
**2001**



## AGRADECIMENTOS

*À Profa. Dra. Irmã Laura, pela presteza que sempre demonstrou diante das minhas versões e pela orientação tão valiosa, de que resultou esta dissertação.*

*À minha família, Claret, Rodrigo e Bruno, e à minha comunidade paroquial, que souberam compreender a minha ausência em muitos momentos importantes da nossa caminhada.*

*Aos colegas de curso, em especial, ao Pe. Prim, hoje Mestre, pelo apoio e incentivo a fazer esse mestrado em Ciências da Religião.*

*Aos meus colaboradores na Epom, em especial à Francislene, pela ajuda na formatação e gráficos da pesquisa.*

*À UCG e ao CEFET que, licenciando-me, colaboraram muito com o êxito deste trabalho.*

*A Deus e a meus pais, pelo dom da vida.*

# SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>6</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>17</b>
<b>MOVIMENTO PENTECOSTAL: A RCC EM GESTAÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 EUA: nasce a Renovação Carismática Católica .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 Brasil: Chega a Renovação Carismática Católica .....</b>	<b>20</b>
<b>1.3 Princípios Basilares da RCC .....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>31</b>
<b>A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA NA IGREJA CATÓLICA.....</b>	<b>31</b>
<b>2.1 A RCC e o Concílio Ecumênico Vaticano II .....</b>	<b>32</b>
<b>2.2 RCC e CNBB: apoio e controle .....</b>	<b>36</b>
<b>2.3 RCC e CEBs: uma via de mão-dupla .....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>47</b>
<b>A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA NA PERSPECTIVA DO OUTRO .....</b>	<b>47</b>
<b>3.1 Metodologia e definição da amostra pesquisada .....</b>	<b>47</b>
<b>3.1.1 Católicos praticantes não-carismáticos .....</b>	<b>48</b>
<b>3.1.2 Teólogos e cientistas da religião .....</b>	<b>51</b>
<b>3.2 A imagem da RCC a partir do olhar do outro.....</b>	<b>52</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>82</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>85</b>

## RESUMO

TOSCANO, Roque. *Renovação Carismática Católica na perspectiva do outro: um olhar de fora para dentro*. Goiânia-Go. 2001.

Preconizado pelo racionalismo, característica marcante da modernidade, o ocaso das religiões foi o fenômeno ausente na virada do milênio. Ao contrário do que se esperava, houve um despertar para o Sagrado, concretizado em uma verdadeira explosão, em escala mundial, de movimentos religiosos. Movimentos que surgiram com características próprias, que se enquadram naquilo que muitos autores já denominaram de pós-modernidade, que inclui em seu contexto a tentativa de recuperação da dimensão emocional da pessoa humana. No campo simbólico da religiosidade cristã esses movimentos são intitulados de pentecostais. No âmbito mais restrito do cristianismo católico romano, adotou-se, para eles, a denominação genérica de Renovação Carismática. Esse movimento religioso, baseado na ação do Espírito, sempre houve, como o testemunham principalmente Atos e a Primeira Epístola aos Coríntios. Por isso, essa sua nova florescência recebe o nome de movimentos revivalistas. Weber fala do carisma, visto no cristianismo como dom do Espírito, para ele algo contrário à instituição hierárquica. Embora essa noção deva ser discutida e aprofundada um pouco mais, não se pode negar que, historicamente, houve uma certa indisposição da hierarquia da Igreja Católica contra a vivência carismática. Dessa aparente incompatibilidade surgem, naturalmente, tensões que, dentro de um campo religioso, podem trazer uma nova dinâmica na práxis religiosa dos movimentos. Neste trabalho, com registro de dados de pesquisa de campo e bibliográfica, pretende-se identificar a imagem da Renovação Carismática, nos dias atuais, a partir do olhar daqueles que não pertencem a esse campo religioso ora como católicos praticantes ora como cientistas da religião.

## ABSTRACT

TOSCANO, Roque. *Renovação Carismática Católica na perspectiva do outro: um olhar de fora para dentro*. Goiânia-Go. 2001.

Even though the decline of religion was announced by rationalism, the characteristic mark of modernism, it was in fact the absent phenomenon at the turn of the century. Contrary to expectations, there has been an awakening to the Sacred in the form of a veritable explosion of religious movements on a world scale. Such movements sprung up with their own particular characteristics, which fit into what many authors have already called postmodernism. In their composition, these movements include an attempt to recover the emotional dimension of the human being. In the symbolic field of Christian devotion, these movements are called Pentecostal. In the narrower field of Roman Catholic Christianity, they have been given the generic title of Charismatic Renewal. This religious movement, based on the action of the Holy Spirit, has always existed, as witnessed in the Acts of the Apostles and the First Epistle to the Corinthians. For this reason, this new flowering has been given the name of revivalist movements. Weber speaks of charism, which in Christianity is seen as a gift of the Spirit, as something contrary to the hierarchical institution. Although this notion should be discussed and deepened somewhat more, historically, it cannot be denied that there has been a certain aversion towards the Charismatic experience on the part of the hierarchy of the Catholic Church. Naturally, from this apparent incompatibility tensions arise, which in the religious field could bring a new dynamism into the religious praxis of these movements. This work, with field and bibliographical research data, sets out to identify today's image of the Charismatic Renewal from the viewpoint of those who do not belong to this religious field be they practicing Catholics or scientists of religion.

## INTRODUÇÃO

Verifica-se, em muitas partes do mundo e também no Brasil, como uma das características do final do século XX e início de um novo milênio, um despertar para o Sagrado, não obstante esse fenômeno possa parecer até contraditório em uma sociedade tecnologicamente desenvolvida e marcada pelo fetichismo da mercadoria que exerce nas pessoas um poderoso fascínio, uma verdadeira adoração das coisas materiais.

Aliás, era opinião corrente, baseada nos princípios do racionalismo e do positivismo, que a tendência seria o desaparecimento, ou, pelo menos, a supressão quase total da religiosidade numa sociedade cada vez mais senhora do conhecimento e conseqüente domínio sobre a natureza e suas leis físicas.

E nessa sociedade de fim de século e virada de milênio, com surtos marcantes de religiosidade, e por isso também, entre outros motivos, considerada pós-moderna por alguns, o que vemos em um campo religioso mais restrito à Igreja Católica? Uma verdadeira explosão de um dos fenômenos que mais têm atraído fiéis do mundo inteiro: o Movimento de Renovação Carismática Católica (RCC) que, por sua vez, enquadra-se em outro fenômeno mais amplo: o pentecostalismo.

O que se propõe, nesta dissertação, é apresentar um estudo sobre esse movimento, levantando o que sobre ele pensam teólogos e sociólogos da religião e, também, católicos praticantes não adeptos do movimento, tendo como pano de fundo a pós-modernidade e, como um de seus elementos integrantes, o processo da globalização. É, portanto, sob um olhar de fora que será observado esse fenômeno religioso, que tem arrebanhado tanto admiradores quanto contestadores, dentro e fora da Igreja Católica.



Inserida em um campo religioso de maior amplitude, a RCC, na contextura simbólica de sua proposta de interpretação da fé cristã, que dita a sua práxis, vem suscitando muitas polêmicas, principalmente em confronto com outros campos de atuação religiosa, como, por exemplo, e no âmbito da Igreja Católica do Brasil, as Comunidades Eclesiais de Base, CEBs.

Espera-se, com esse enfoque, poder contribuir com mais uma reflexão, pelo menos por comparação, sobre esse outro movimento também significativo da vida eclesial, especificamente, a Teologia da Libertação e sua concretização nas Comunidades Eclesiais de Base. Constituem-se, pois, as CEBs e a RCC em dois campos religiosos de grande expressão dentro da Igreja Católica no Brasil.

Não se pretende, na verdade, focar em primeiro plano a pós-modernidade, por esta constituir-se em tema muito amplo que, por si só, exigiria um trabalho específico e de maior profundidade. A idéia é tomá-la apenas como parte e como uma das condicionantes que influenciam o tema proposto, dentro da seguinte delimitação: efetuar uma análise teórica e de opinião popular sobre a Renovação Carismática como um dos movimentos revivalistas, neotradicionalistas e competitivos, na esfera religiosa específica do catolicismo, que se apresenta como uma das realizações históricas do cristianismo, bem como o significado de sua emergência e presença na Igreja Católica do Brasil, mais especificamente, em Goiânia.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos no projeto de qualificação, foram realizadas pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica. Assim, utilizando-se desses instrumentais, pôde-se identificar como é vista a Renovação Carismática Católica a partir do olhar não daqueles que pertencem a esse campo religioso, mas daqueles que se encontram do lado de fora, ora como teólogos e sociólogos da religião, o que constituirá a fundamentação

teórica deste trabalho, ora como católicos praticantes das paróquias Sagrada Família, da Vila Canaã; Santo Inácio de Loyola, do Conjunto Riviera; São Francisco, do Setor Leste Universitário e São Miguel Arcanjo, do Setor Serri-  
nha.

Essas paróquias da Arquidiocese de Goiânia, constituindo o universo da pesquisa, foram divididas, formando dois segmentos amostrais: Paróquia Sagrada Família e Outras Paróquias. Essa segmentação ajudará a analisar melhor os resultados, uma vez que se poderá comparar a visão dos fiéis em campos religiosos um pouco diferentes, embora estejam todos no grande campo, que é o da Igreja Católica.

Assim, apresenta-se um segmento, denominado Paróquia Sagrada Família, considerado eminentemente carismático, porque nessa paróquia há uma presença muito forte da RCC, o que faz o movimento ser muito conhecido pelos católicos praticantes que nela estão inseridos. É um segmento que, pelas suas características religiosas, possui um diferencial no contexto de todas as paróquias que compõem não só o universo desta pesquisa, mas a própria Arquidiocese de Goiânia.

O segmento denominado Outras Paróquias, é composto pelas demais paróquias pesquisadas, e possui características bem diferenciadas, sendo consideradas, em Goiânia, como paróquias não-carismáticas. Dessa forma, os resultados da pesquisa, em anexo, podem ser lidos e analisados de forma comparativa. Assim este estudo se torna interessante para objetivar uma análise da visão de dois grupos de fiéis sobre um fenômeno religioso vivenciado, mas não com a mesma intensidade, em praticamente todas as paróquias da Arquidiocese.

É, portanto, a partir desse ângulo de visão e dentro dessa delimitação que se foi desenvolvendo o tema inicialmente proposto. Fica, entretanto, a

possibilidade de outras abordagens, talvez até sociologicamente mais interessantes, como o têm feito vários autores, bastando citar, a título de exemplo, e que muito serviram de orientação para a realização deste trabalho, Maria das Dores Campos Machado, que trata da influência dos movimentos pentecostais, ou revivalistas, na estrutura e vivência familiar; Maria da Conceição Silva, que estuda a emergência histórico-sociológica da RCC na Arquidiocese de Goiânia; Leonardo Boff, da Teologia da Libertação, que discursa em geral sobre o assunto, abordando-o inclusive do ponto de vista teológico, principalmente em confrontação com as Comunidades Eclesiais de Base; Brenda Carranza, que faz uma abordagem muito interessante sobre as origens, mudanças e tendências da Renovação Carismática Católica, e Reginaldo Prandi, que apresenta uma ampla pesquisa sobre o Movimento de Renovação Carismática.

É, pois, objeto desta dissertação de mestrado o Movimento de Renovação Carismática Católica, no campo religioso da Igreja Católica, posterior ao Concílio Ecumênico Vaticano II, já na pós-modernidade, na visão de teólogos e sociólogos da religião e também na visão dos católicos praticantes não-carismáticos das quatro paróquias da Arquidiocese de Goiânia: Sagrada Família, Santo Inácio de Loyola, São Francisco e São Miguel Arcanjo.

Na busca de abordagem do tema, estabeleceu-se um caminho, aqui representado pelos seguintes questionamentos:

- pelas preocupações com sua convicção de que o ponto de partida do ser carismático é o batismo no Espírito Santo, que não se identifica com o batismo sacramental, não se estão lançando as bases para o surgimento de uma nova Igreja, de uma Igreja paralela à Igreja Católica historicamente constituída?

- até que ponto, interroga-se uma ala de católicos, esse movimento religioso, marcado por uma vivência menos politizada, ou mesmo despolitizada, sem maiores compromissos sociais, poderá ser fermento, sal e luz na luta contra a miséria e a opressão em que vive grande parcela do povo brasileiro?
- a que lugar poderá chegar um movimento que, dentro do mundo capitalista e em um país rotulado de estar em vias de desenvolvimento, parece preocupar-se mais com ser um astro da mídia globalizada, com o glamour das apresentações amparadas por sofisticada tecnologia e das grandes multidões, com showmissas e mega-eventos?
- até que ponto essas multidões são atraídas pelo apelativo da mídia, ou procuram e esperam aí encontrar respostas para suas angústias e seus problemas quotidianos?
- até que ponto a RCC se entrega à mentalidade consumista, e, utilizando-se de uma expressão de Bourdieu, como que transformando a instituição religiosa em uma “empresa comercial de salvação”?

A preferência por um enfoque mais teológico-pastoral do que sociológico-religioso, que marca este trabalho, deveu-se ao fato de o seu autor atuar na pastoral da comunidade Nossa Senhora Aparecida, da Paróquia São Miguel Arcanjo, no município de Aparecida de Goiânia. Dessa forma, foi dada primazia a uma abordagem que contribuísse não tanto no aspecto sociológico, mas principalmente no aspecto pastoral.

Um dos motivos da escolha desse tema é que a RCC é, atualmente, no Brasil, o segmento da Igreja Católica mais popularizado, em termos de

presença em todos os tipos de mídia, tais como livros, jornais, revistas, Internet e, principalmente, nos veículos de comunicação que estão presentes no cotidiano dos lares brasileiros, que são o rádio e a televisão, não somente como emissoras/retransmissoras locais ou regionais, mas na modalidade de redes de comunicação de massa (Rede Vida de Televisão, Rede Católica de Rádio – RCR, por exemplo). Isso significa a abrangência de praticamente todo o território nacional, da floresta amazônica aos pampas sulinos, transbordando, inclusive, as fronteiras do próprio país.

Esse lugar, em circunstâncias políticas diferentes, havia sido ocupado pelas CEBs, mas, com a evolução dos fatos sociais, os meios de comunicação de massa desviaram seu foco de atenção para a RCC, considerada hoje o movimento religioso que mais tem crescido não só no Brasil, mas em muitos outros países onde tem fincado suas raízes.

Por outro lado, essa situação de evidência faz com que a Renovação Carismática Católica suscite problemas não só quanto à ortodoxia de sua interpretação da fé cristã, mas também quanto à conveniência de sua práxis. Isso tanto internamente à Igreja, no que diz respeito a seu relacionamento com a hierarquia ou organização institucional, quanto, externamente, à expressão social de sua fé, no que tange o seu compromisso político de estímulo para a construção de uma sociedade baseada na justiça que emana da caridade fraterna, preconizada pela mensagem evangélica. Posição essa amplamente aceita na Igreja Católica, principalmente na América Latina, e que foi sintetizada lapidarmente na frase: “opção preferencial pelos pobres”.

Assim, a motivação maior da escolha desse tema deveu-se não apenas à sua atualidade e relevância, mas, sobretudo, ao grande impacto que esse fenômeno religioso, valendo-se principalmente da mídia, vem provocando não só no Brasil como em todo o mundo, beneficiado, externamente à Igreja,

pelas condições proporcionadas pelo processo de globalização, e, internamente, pela influência das posições assumidas por autoridades da Igreja.

A partir do objetivo geral a ser alcançado, o questionário, para a coleta dos dados, foi elaborado para contemplar os seguintes objetivos específicos:

- identificar até que ponto os entrevistados estão percebendo que, colocando como seu ponto de partida o batismo no Espírito Santo, a RCC não estará também lançando as bases para o surgimento de uma nova igreja ou comportando-se apenas como um campo a mais dentro de um sistema simbólico-religioso maior, a Igreja Católica;
- verificar como a amostra pesquisada vê a Renovação Carismática Católica: se um movimento religioso marcado por uma vivência menos politizada ou um movimento engajado na luta contra a miséria e a opressão;
- verificar, na opinião dos entrevistados, a que lugar poderá chegar um movimento que, inserido em um sistema neoliberal, com um mercado globalizado, parece preocupar-se mais em ser um astro dessa mídia globalizada;
- identificar junto à amostra pesquisada se a RCC oferece respostas às angústias e aos problemas de seus seguidores ou, entregue à mentalidade consumista, não passa de mais uma “empresa de salvação”.

Como este trabalho pretende situar-se na junção de dois focos, a Sociologia Religiosa e a Teologia Pastoral, valendo-se de uma pesquisa de campo como instrumento fundamental na análise da opinião pública levanta-

da, não se propõe apresentar novas exegeses de Durkheim, Weber, Bourdieu e outros tão importantes pelas contribuições trazidas às ciências sociais, o que muitos autores, alguns citados neste trabalho, já fizeram.

São conhecidas e, hoje em dia, até repetitivas as teorias sociológicas sobre a religião, surgidas principalmente das teorizações de Marx, Weber e Durkheim. Como a proposta deste trabalho é situar-se nos limites da Sociologia Religiosa e da Teologia Pastoral, como já foi dito, baseia-se ele na idéia de que, pelo menos no caso específico do cristianismo romano-católico, que é de onde se pretende falar, a Sociologia Religiosa serve de contraprova à fé vivida em âmbito pessoal e comunitário. Não se pode ignorar que, quando a teoria sociológica explica a contento uma determinada situação existente num campo religioso, certamente ali não se está agindo na transcendência que a fé exige, segundo o que João coloca na boca de Jesus: “Meu reino não é deste mundo” (Jo 18,36), ou como escreve em outro lugar: “Não ameis o mundo... Porque tudo o que há no mundo – a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho das riquezas – não vem do Pai, mas do mundo” (1Jo 2, 15-16).

É sabido que as aludidas teorizações dos autores supramencionados, como igualmente daqueles que, como Mauss ou Bourdieu, propuseram-se desenvolvê-las ou submetê-las a novas análises, todas praticamente têm como ponto de partida o dogma do positivismo, ou a “matematização” do pensamento, contrariando o contexto da mensagem evangélica, se não quisermos aceitar o texto como “ipsissima verba Christi”.

No capítulo 1 desta dissertação será abordada a origem da RCC cujas raízes estão fincadas no Pentecostalismo, surgido nos Estados Unidos no início do século XX. Dos EUA, o movimento vem para o Brasil, chegando a Goiânia no início da década de 70, presente hoje em quase todas as paró-

quias da Arquidiocese. Nesse capítulo encontram-se também, de forma sucinta, os princípios basilares da Renovação Carismática que encontram eco na crença da ação do Espírito Santo sobre a comunidade.

No capítulo 2 apresentamos o resultado do estudo sobre a Renovação Carismática na Igreja Católica. Em um plano maior, a RCC se relaciona com os Papas, de quem recebe apoio e força suficientes para se lançar no mundo todo. No Brasil, a RCC se relaciona com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, recebendo apoio e controle. E, em uma dimensão diferenciada do catolicismo, a RCC se relaciona com as CEBs, assumindo uma práxis religiosa marcada por uma visão mais intimista.

Finalmente, a partir dos dados levantados na pesquisa de campo, é texturizada a imagem que as amostras pesquisadas têm da Renovação Carismática como um fator de experiência religiosa cristã e como um grupo atuante dentro da Igreja Católica, no Brasil e, mais especificamente, em Goiânia, dados esses que, em sua maioria, não destoam do que se pôde deduzir da pesquisa bibliográfica.



## CAPÍTULO 1

### MOVIMENTO PENTECOSTAL: A RCC EM GESTAÇÃO

No início do século XX, em Topeka e Los Angeles, surgiu o movimento pentecostal, despertando as mais variadas reações de seus analistas. Segundo Gutiérrez, “há aqueles que o reconhecem como fruto do Espírito Santo, como há aqueles que o combatem” (GUTIÉRREZ, 1996, p. 7).

Nesse fogo cruzado, ninguém poderia ter imaginado que aquela experiência teria a repercussão que teve. Seus líderes não tinham, talvez, a menor idéia de que estavam presenciando uma parte de um movimento do Espírito em escala mundial. Conta ainda o autor que “Agnes Ozman, uma mulher simples e devota, jamais teria imaginado que os rios de água viva que ela sentiu naquele mês de janeiro de 1901, junto com o batismo do Espírito Santo com língua de fogo, eram o início do movimento pentecostal moderno”.<sup>1</sup>

A Renovação Carismática, da qual se trata neste trabalho, embora seja um movimento religioso dentro da Igreja Católica, tem raízes neste Pentecostalismo surgido nos Estados Unidos, no início do século XX. Basicamente o que difere o Protestantismo do Pentecostalismo é que este tem sua pregação baseada no livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 2, e 1Cor 13, valorizando os carismas do Espírito Santo, concretizados nos dons da glossolalia, cura e libertação, a partir do Batismo no Espírito, e o protestantismo histó-

---

<sup>1</sup> Ibidem. p. 30

rico, luterano, centrou-se, por muito tempo, nas discussões sobre a justificação, questão que se prende mais aos escritos paulinos sobre as obras e a fé.

### **1.1 EUA: nasce a Renovação Carismática Católica**

O movimento da Renovação Carismática Católica nasceu no meio universitário, em Pittsburgh, no Estado da Pensilvânia, EUA, no ano de 1967, quando um grupo de professores e estudantes da Universidade de Duquesne reuniu-se em retiro espiritual, em um fim de semana, com a intenção de renovar os votos de Batismo e Crisma. Nesse encontro, asseguram ter recebido o Espírito Santo e seus dons, dando início a uma nova prática de oração.

As raízes, pois, da Renovação Carismática Católica, também chamada de Renovação do Espírito, encontram-se na tradição de Pentecostes. Desejosos de reavivar sua fé, alguns estudantes universitários, durante um retiro espiritual, experimentaram a manifestação de alguns dons carismáticos.

Conforme o livro *Ofensiva Nacional*, editado pela Renovação Carismática Católica, no Brasil, esse evento em Duquesne pode ser considerado o marco inicial do movimento, “por ter sido o primeiro grupo de fiéis católicos que experimentou o Batismo no Espírito Santo e os dons carismáticos” (1993, p. 45). E, em pouco tempo, “a Renovação se estendeu por todo o mundo: está presente em 180 países e chega à vida de mais de 70 milhões de católicos. Na Itália está presente em todas as dioceses” (GONZALEZ, 1999, p. 227).

O movimento se propunha, conforme PIERUCCI e PRANDI (1996), como objetivo básico, renovar a Igreja por intermédio de uma pro-

posta religiosa que se referendava nos Atos dos Apóstolos. Baseando-se, pois, em uma interpretação bastante literal da Bíblia, os carismáticos cultivam a crença nos dons do Espírito Santo, a partir dos quais tudo pode se transformar neste mundo. E nisso são apoiados pela liturgia tradicional da Igreja que sempre rezou: “Enviai vosso Espírito e renovareis a face da terra. E a partir dessa renovação interior é que se pode pensar em uma renovação exterior.

As práticas religiosas de estudantes e professores provinham da tradição jesuítica norte-americana dos “retiros” e “o florescimento desses cultos entre estudantes e professores daquela universidade americana foi resultante de um encontro espiritual que se caracterizou como ‘retiro’, de 17 a 19 de fevereiro de 1967, conhecido como o Fim-de-Semana de Duquesne” (SILVA, 1998, p. 38-39).

É interessante a observação de DURAND sobre a tradição norte-americana desses retiros:

“A noção de retiro, de férias, tende mesmo a se institucionalizar nas sociedades como um ato de autodefesa contra a ameaça permanente que pesa sobre toda ideologia de produção: ameaça de criar uma civilização concentracionária e a experiência simbólica pertence ao domínio do retiro; ela entra perfeitamente, de modo terapêutico, nos mecanismos de autodefesa de uma cultura ameaçada pela pleora das suas próprias produções”. (Fragmentos de Cultura, 1998, p. 1420).

É de se notar, ainda, o nome do movimento: Renovação Carismática *Católica*. A qualificação não é explicitada inutilmente, é uma contraposição a algo que já devia existir. E de fato existia. Não cabe aqui um aprofundamento da questão, mas é conhecida a forte influência do protestantismo, histórico e/ou pentecostal, na formação cultural da nação norte-americana.

Em sua dissertação de mestrado, SILVA (1998) aponta um dos motivos por que foi tão bem-vindo esse movimento de forte influência pente-

costal, entre católicos norte-americanos. Os ideais carismáticos não encontraram grande resistência para a sua legitimação nos Estados Unidos, uma vez que, desde a sua colonização, houve, por parte da sociedade norte-americana, práticas católicas paralelas às tradições religiosas de linhas protestantes e, posteriormente, pentecostais. Com isso o catolicismo norte-americano sobreviveu numa conjuntura histórico-religiosa com um maior número de protestantes do que de católicos, manifestando práticas, gestos e maneiras de viver expressas na contemplação do sobrenatural e semelhantes às demais religiões daquele país.

Trazendo consigo uma nova prática de vivência da fé, voltada mais para o emocional, surge o Movimento da Renovação Carismática Católica, entendido como Pentecostalismo católico. Valendo-se do emocionalismo e das curas, carece esse movimento, para alguns críticos da religião, de um maior engajamento social e político. Dessa forma, “o que escapa a esta perspectiva conservadora é o fato de ela estar mergulhando cada vez mais nas águas, aparentemente sedutoras, do emocional religioso, visto com bons olhos pelo capitalismo que se serve dele com habilidade, esperteza e sucesso” (ROLIM, 1996, p. 207).

## **1.2 Brasil: Chega a Renovação Carismática Católica**

Originária dos Estados Unidos, nascida entre universitários bem estabelecidos social e economicamente, com a preocupação de "otimizar" a vivência eclesial numa sociedade abastada de bens materiais, a RCC chega ao Brasil num momento crítico em que vivia a sociedade ainda sob a tutela do regime militar. Trazida pelos padres jesuítas, no final da década de 60, a RCC

fincou suas primeiras raízes na Vila Brandina, cidade de Campinas, pelas mãos de Padre Haroldo Rahm, que incentivava os grupos de cursilhos, TLC. De lá se expandiu e está presente, hoje, em quase todos os Estados da Federação.

Sua chegada ao Brasil ocorreu, portanto, poucos anos após o golpe militar de 64, comandado pelo capitalismo internacional, através da instrumentalização das altas patentes das forças militares nacionais, através da elite empresarial brasileira, como o têm demonstrado pesquisas mais recentes. Tudo sob pretexto de combater a implantação de um modelo comunista no país, que seria contrário às tradições da liberdade e da civilização cristã, características do Ocidente, segundo essa versão instrumentalizada.

É neste quadro de falta de liberdade e cidadania, de imposições do capital estrangeiro, que a RCC chega e finca suas raízes no país. Nessa mesma época, com a Teologia da Libertação germinava uma nova interpretação teológica da função do cristianismo no contexto sul-americano, valendo-se de análises sociais fundamentadas em teorias marxistas, aplicando o Evangelho nas questões políticas e sociais.

Até meados de 1968, era pensamento comum, à Igreja e aos militares da época, a luta contra o comunismo. Porém, a Igreja, desde então, já começava a organizar sua própria luta no campo social.

Na visão de D. Fernando Gomes dos Santos, então Arcebispo Metropolitano de Goiânia, que posteriormente se caracterizaria como severo oponente do pensamento militar, era, naquele momento, imprescindível a união entre a Igreja e o governo militar para uma tarefa em comum: servir o povo de Deus, para assegurar a vitória contra os extremismos, ideologias e tudo o que nega as tradições cristãs e nossos brios de brasilidade.

Seria a luta pelo zelo do Reino de Deus. Aliás, esta posição do Arcebispo de Goiânia serviu e serve para mostrar, mais uma vez, como é sempre perigosa, e até mesmo espúria, a aliança entre o poder religioso e o poder civil, por melhores que possam parecer as intenções. O religioso acaba sendo instrumentalizado pelo civil.

Diante da ameaça da esquerda, do comunismo socialista, materialista e ateu, a extrema direita, autoproclamando-se defensora dos valores cristãos da Civilização Ocidental, estruturou toda uma política de resistência pró-capitalismo, dentro da qual a Igreja haveria de exercer papel primordial de mediadora dos conflitos sociais.

É nessa época, após ter sido instalado o golpe militar no Brasil, defensor do capital estrangeiro, que chega ao país, em Campinas-SP, em 1969, vinda justamente dos Estados Unidos, a Renovação Carismática Católica.

Nesse contexto ambíguo, a RCC, inflada pela influência norte-americana, era muito bem-vinda entre os militares, pois o movimento carismático visava a um desenvolvimento mais intimista da religião, preferindo buscar uma solução particular das aspirações pessoais a uma solução coletiva que levasse os fiéis a uma consciência maior, de cunho social.

A Igreja do Brasil, porém, principalmente depois da Conferência de Medellín, em 1968, foi tomando mais intensamente posições político-sociais, em nome do Evangelho, posições que contrariavam as intenções do capital internacional, sustentáculo das elites locais tradicionais e transnacionais que se serviam dos militares para aprofundar, cada vez mais, suas raízes no solo brasileiro.

O primeiro incidente que abalou a relação entre o governo militar e a Arquidiocese de Goiânia, defensora da linha de Medellín, foi a manifestação

estudantil de 01-04-68. Defrontaram-se estudantes e policiais, resultando a morte de um lavador de carros, confundido com um líder estudantil, e a invasão da Faculdade de Direito da UFG, pela polícia.

No dia seguinte, quando os estudantes, em passeata, protestavam contra a morte do lavador de carros, foram perseguidos pela polícia e acucados dentro da Catedral. Policiais à paisana entraram no templo e atiraram em dois estudantes, violando, assim, um lugar sagrado, desconhecendo o princípio básico de que os templos religiosos são tidos como lugares de refúgio para quem se sente perseguido. Para D. Fernando, foi uma agressão muito forte à casa de Deus.

Foi nessa época, igualmente, que emergiram e floresceram as Comunidades Eclesiais de Base, que não aceitavam uma leitura do Evangelho desvinculada da vida de fé, entendida como luta pela realização do ideal de igualdade e fraternidade cristãs na organização social.

Logo após esse incidente, época em que ocorria uma verdadeira explosão demográfica em Goiânia, a Renovação Carismática chegou aqui pelas mãos do Pe. Haroldo Rahm, que pregava retiros espirituais. Um deles no Seminário Redentorista São José<sup>2</sup> e outro no convento Mãe Dolorosa, do qual participou o frade franciscano Jovenal Leahy.

Algum tempo depois, mais precisamente em 1973, esse frade organizou, na Paróquia São Francisco de Assis do Setor Leste Universitário, um grupo de oração da RCC, com apoio dos fiéis que freqüentavam os encontros de casais e as missas semanais da paróquia. O grupo foi crescendo e as pessoas atraídas pela fé e por uma vontade de expressar seus anseios por meio de

---

<sup>2</sup> Nessa época, como estudava no Seminário, participei deste retiro.

orações, passaram a ter encontros semanais e, posteriormente, espalharam-se por outras paróquias da arquidiocese.

### **1.3 Princípios Basilares da RCC**

A RCC baseia-se, fundamentalmente, na crença da ação do Espírito Santo sobre a comunidade eclesial, especialmente através de seus dons ou carismas, que Ele, o Espírito, distribui a cada um conforme lhe apraz (1Cor 12,11). E somente pelo dom do Espírito é que o homem pode confessar na vida quotidiana que Jesus é o único Senhor e Salvador.

A experiência fundamental, pedra angular da Renovação, é o Batismo no Espírito Santo, que deve ser entendido não como o batismo sacramental, mas como um dom especial que dinamiza a ação da graça divina na pessoa que vive essa experiência.

De acordo com o manual da RCC, Ofensiva nacional, esse batismo experiencial “é um princípio de vida que se manifesta em frutos de santidade e em carismas para edificar a Igreja. É a própria graça de Pentecostes que se manifesta com os dons de santificação e com os dons carismáticos para o bem comum” (1993, p.12).

Embora encontrem fundamentação bíblica para o Batismo no Espírito Santo, os carismáticos enfrentam críticas por parte de teólogos e Bispos da Igreja Católica, alegando que, tendo recebido o sacramento da iniciação cristã, todo membro da Igreja é batizado no Espírito e, pelo sacramento da Crisma, confirmado. Assim, não tem sentido algum a existência de um novo Batismo.



Mas, para os carismáticos, conforme seu livro *Ofensiva Nacional*, é a partir do Batismo no Espírito Santo que a Renovação evangeliza. Tentando dirimir dúvidas sobre essa questão, veja o que diz sobre o significado católico da expressão Batismo no Espírito Santo:

“Entre os católicos da Renovação, a frase ‘Batismo no Espírito Santo’ se refere a dois sentidos ou momentos. O primeiro é propriamente teológico. Neste sentido, todo membro da Igreja é batizado no Espírito Santo pelo fato de ter recebido os sacramentos da iniciação cristã. O segundo é de ordem experiencial e se refere ao momento ou processo de crescimento pelo qual a presença ativa do Espírito, recebido na iniciação, se torna sensível à consciência pessoal. Quando se fala, na Renovação Católica, do Batismo no Espírito Santo, geralmente se refere a essa experiência consciente que é o sentido experiencial. Este uso duplo é defensável, embora não resta dúvida que causa certa confusão. É verdade também que não é fácil substituir esta expressão ‘Batismo no Espírito Santo’ por outra plenamente satisfatória” (Ofensiva Nacional, 1993, p. 46).

Conseqüência da experiência do Batismo no Espírito Santo é, em primeiro lugar, um encontro pessoal com Jesus Cristo, Senhor e Salvador. Essa experiência no Espírito é uma experiência de conversão, que se traduz num profundo desejo de santidade, vista como um sentimento da necessidade da perfeição, que consiste numa semelhança cada vez maior com Jesus. A abertura à ação do Espírito não coloca de lado a dimensão cristológica da vida cristã, “porque ao entregar-se o homem à própria santificação, entrega-se a viver o Evangelho com todas as suas conseqüências e a ajuda que presta ao próximo” (JUANES, 1994, p. 26).

No documento apresentado ao Papa João Paulo II pelo Escritório Internacional da Renovação Carismática, em Roma, no ano de 1979, há uma preocupação da RCC de mostrar sua identidade com a Igreja Primitiva. As-

sim, “o que diferencia a Renovação (carismática) de qualquer renovação ou movimento autêntico na Igreja é sua interpretação de que o papel do Espírito Santo não mudou na Igreja, desde os primeiros séculos, e que hoje podemos experimentar sua efusão, seu poder e seus dons, da mesma maneira que os cristãos primitivos”<sup>3</sup>.

Como para os carismáticos a experiência do Batismo no Espírito Santo é fundamental e evangelizadora, Carlos Mesters elenca, a partir da vivência comunitária, os critérios de discernimento do que seja essa experiência do Espírito:

Ressuscita e gera vida

“O Espírito é vida” (Rm 8,10). “A letra mata, é o Espírito que dá vida!” (2Cor 3,6).

Liberta e defende

“Onde há o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2Cor 3,17).

Reconcilia e perdoa

“Recebam o Espírito Santo. Os pecados daqueles que vocês perdoarem serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados” (Jo 20, 22-23).

Acolhe, cura e faz a pessoa ficar inteira

“...o único e mesmo espírito concede o dom das curas” (1Cor 12,9).

Unifica e congrega

“Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28).

---

<sup>3</sup> Ibidem, p. 25

Edifica e constrói a comunidade

“Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos” (1Cor 12,7).

Instrui e ensina a verdade

“Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena” (Jo 16,13).

Ajuda a interpretar a Bíblia

“Todas as vezes que lêem Moisés, um véu está sobre o seu coração. É somente pela conversão ao Senhor que o véu cai” (2Cor 3,15s.).

Ajuda a ler a realidade

“A espada do Espírito é a Palavra de Deus” (Ef 6,17).

Envia em missão para anunciar a Boa Nova aos pobres

“O Espírito está sobre mim porque ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres, a libertação aos presos e a recuperação da vista aos cegos!” (Lc 4,18).

Fortalece, dá coragem e faz anunciar

“Todos ficaram repletos do Espírito Santo, continuando a anunciar com coragem a Palavra de Deus” (At 4,31).

Consola e faz orar e cantar

“Falai uns aos outros com salmos e hinos e cânticos *espirituais*, cantando e louvando ao Senhor em vosso coração, sempre e em tudo dando graças a Deus, o Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 5,19-20).

Ora, geme, interioriza e identifica

“O Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis” (Rm 8,26).

Faz participar do mistério de Cristo

“Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Jesus dos mortos dará vida também a vossos corpos mortais mediante o seu Espírito que habita em vós” (Rm 8,11).

Pode ser apagado

“Não extingam o Espírito, não desprezem as profecias: examinem tudo e fiquem com o que é bom!” (Ef 4,30).

A experiência religiosa do Espírito Santo, tal como na RCC, é essencialmente cristã, quer dizer, não pode ser analisada apenas no âmbito das outras experiências humanas. Por ser cristã, necessariamente, tem de ser admitida uma ação divina, a presença da transcendência na imanência da história humana e, em particular, numa pessoa determinada.

Apresentando as posições fundamentais da teologia do Espírito Santo do teólogo Mühlen, Comblin lembra-nos que o modelo cosmológico da experiência de Deus não é mais válido para o homem moderno, da civilização industrial. Isto porque este tipo de homem já adquiriu um razoável domínio sobre a natureza física, pelo menos naquele aspecto que pode ser relacionado a seu cotidiano. Ele já sabe que o trovão não é a voz de Deus, que a inundação não é o dilúvio que castiga, e assim por diante. Aquele espaço marcado pelo desconhecimento das forças naturais, que servia como um lugar teológico para a experiência de Deus, está totalmente superado.

A propósito, como exemplo paradigmático de transmissão da verdade religiosa, é bom lembrar os dois primeiros capítulos de Gênesis. São duas narrativas da criação, feitas de acordo com as circunstâncias da época em que foram escritas, servindo ambas, igualmente, para a transmissão da experi-

ência religiosa de um Deus que está no princípio, no meio e no fim de toda criação.

Se até agora foi válida como ponto de partida para a experiência de Deus sua concepção como causa e motor do universo, depois de tantas transformações epistemológicas ocorridas nos últimos séculos, como também no mundo industrial de nossos tempos, a base da fé é a experiência do Espírito Santo na comunidade de acordo com o modelo de Pentecostes. O apego ao antigo modelo cosmológico pode ser apontado como a causa do ateísmo teórico ou prático do mundo moderno.

Outro aspecto considerado é o direcionamento de caráter extremamente racional, característica da modernidade, que predominou na Igreja nos últimos tempos, criando profundo hiato entre razão e experiência sensível, sentimentos e emoção.

A consequência desse posicionamento foi o afastamento das massas, que se prendem muito mais às manifestações sensíveis. Assim, uma instrução religiosa não serve para quase nada, o que serve é uma religião que pode ser vista, escutada, degustada e exercitada com todo o corpo. Não houve uma substituição das antigas devoções sensíveis. A experiência do Espírito Santo envolve a unidade do ser humano em todos os seus aspectos, todos os seus dinamismos: é experiência direta, imediata.

Paulo, no discurso sobre os dons do Espírito, nos lembra que “Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos” (1Cor 12, 7). E, conforme o testemunho da Igreja primitiva, registrado em outras passagens, esta é a experiência fundamental do dinamismo do Espírito que teve início em Pentecostes. Interessante que, enquanto certas igrejas pentecostais enfatizam dons como o da cura de doenças e o de expulsar demônios, Paulo pre-

fere lembrar os carismas da profecia e do dom das línguas, talvez por estes se dirigirem mais diretamente à comunidade como um todo.

Este mesmo aspecto comunitário pode ser analisado quanto à ação do carisma no próprio indivíduo. O Espírito não leva o sujeito a praticar ações além de sua capacidade humanamente natural, o que faz é projetar em direção à comunidade a potencialidade radicada no indivíduo.

Existe também algo de profético na ação do Espírito sobre a pessoa que se sente atraída e envolvida ao mesmo tempo por algo sagrado, pela força fundamental do mundo. É a mesma experiência descrita pelo profeta: “Tu me seduziste, Javé, e eu me deixei seduzir. Foste mais forte do que eu e venceste” (Jr 20,7).

## CAPÍTULO 2

### A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA NA IGREJA CATÓLICA

Como já dissemos, a Renovação Carismática, de raízes pentecostais, encontrou tanto em seu país de origem como no Brasil um terreno fértil para nascer e expandir-se muito rapidamente. Desde o início, o movimento apresentou, segundo Carranza, alguns traços que o diferem do Pentecostalismo: “a concepção de autoridade, de obediência e de pertença à Igreja Católica” (CARRANZA, 2000, p. 25).

Nascida sob a bênção e o desejo de João XXIII que, em oração preparatória para o Concílio Vaticano II, pediu que “se repetisse no povo cristão o espetáculo dos Apóstolos reunidos em Jerusalém”<sup>4</sup>, a RCC encontrou nessa oração do Papa o sopro do Espírito para que ganhasse vida e se espalhasse pelo mundo todo. Mais tarde, Paulo VI, na III Conferência Internacional da RCC, realizada em Roma, reforça que “esta Renovação Espiritual, como poderia deixar de ser uma ‘sorte’ para a Igreja e para o mundo?”<sup>5</sup>

Dentro da Igreja Católica o apoio dos papas tem permitido a seus fundadores afirmar que “a Renovação Carismática é um acontecimento religioso que já não se pode desconhecer. Nascido na Igreja e para a Igreja, em apenas 20 anos assumiu proporção tão expressiva que se estendeu ao mundo inteiro” (JUANES, 1994, p. 17).

---

<sup>4</sup> Apud Ofensiva Nacional, 1993, p. 87

Calcula-se, atualmente, que “a RCC tenha perto de 40 milhões de adeptos no mundo, com 270 mil grupos de oração em mais de 140 países – dos quais 30% na América Latina. No Brasil, segundo um membro do Conselho Nacional da RCC, essas cifras alcançam cerca de oito milhões de membros cadastrados e 61 mil grupos de oração” (HÉRBRARD apud CARRANZA, 2000, p. 29).<sup>6</sup>

## **2.1 A RCC e o Concílio Ecumênico Vaticano II**

Nos documentos oficiais da Igreja podem ser encontradas manifestações de Papas que fortificam o movimento da Renovação Carismática a partir das dolorosas constatações de João XXIII sobre o mundo moderno: “A sociedade moderna caracteriza-se por um grande progresso material, a que não corresponde igual avanço no campo moral. Daí o enfraquecimento na busca dos valores do espírito” (*Humanae Salutis*).

Com o Concílio, reacendeu-se entre os católicos a chama do Espírito, como se estivessem vivendo um novo Pentecostes, uma nova manifestação do Espírito que “conduz e santifica o Povo de Deus não apenas por meio dos sacramentos e dos ministérios e o adorna de virtudes, mas, distribuindo a cada um seus próprios dons, como lhe apraz” (*Lumen Gentium*, 12).

---

<sup>5</sup> Apud *Ofensiva Nacional*, 1993. P. 88

<sup>6</sup> Segundo revista *Veja*, 8-4-98, a RCC, nessa época, já estava presente em 95% das dioceses.



O Concílio Vaticano II, convocado pelo papa João XXIII, foi um marco na história da Igreja no século XX, significativo pelo seu aspecto de abertura para a sociedade e o mundo, e não tanto como olhar introspectivo de sua própria excelência. Assim, ao se tentar encontrar as matrizes no catolicismo contemporâneo “é necessário considerar o Concílio Vaticano II como um evento eclesial que fundamentou um novo projeto para a Igreja Católica e que, concomitantemente, desencadeou um processo de debates entre os bispos participantes” (SILVA, 1998, p. 44).

Entre os documentos originados do Vaticano II devem ser lembrados, na perspectiva deste trabalho, principalmente os intitulados *Lumen Gentium*, que trata sobre a Igreja no mundo, e *Gaudium et Spes*, que enfoca a vida dos cristãos no contexto do mundo moderno.

Da Constituição *Lumen Gentium* pode-se ressaltar a valorização do povo de Deus no múnus profético de Cristo, quando “difunde seu testemunho vivo, sobretudo por meio de uma vida de fé e de caridade”. Esse mesmo documento reconhece a força do Espírito que “conduz e santifica o Povo de Deus não apenas por meio dos sacramentos e dos ministérios e o adorna de virtudes, mas, ‘distribuindo a cada um seus próprios dons, como lhe apraz’” (1Cor 12,11). E enfatiza o documento que, tendo recebido os dons do Espírito Santo, seus carismas, os fiéis se tornam “aptos e prontos para assumirem várias obras e encargos, úteis para a renovação e para a maior expansão da Igreja, segundo as palavras: ‘A cada um é dada a manifestação do Espírito em vista do bem comum’” (1Cor 12,7). E, finalmente, é vontade da Igreja nesse mesmo documento que esses carismas, “úteis às necessidades da Igreja, devem ser acolhidos com gratidão e consolação” (*Lumen Gentium*, 12). Analisando essa mesma Constituição, afirma SILVA:

“os carismas foram considerados ‘dons extraordinários’ que não devem ser solicitados, porque: ‘O juízo sobre sua autenticidade e seu ordenado exercício compete aos que governam a Igreja’. De imediato, os precursores da Renovação Carismática recorreram às leituras destes documentos para a fundamentação e a efetivação das suas propostas, após o retiro espiritual de Duquesne” (SILVA, 1998, p. 45).

Na exposição introdutória, a Constituição trata da condição do homem no mundo contemporâneo, enfocando esperanças e angústias, as profundas mudanças sociais, psicológicas, morais e religiosas, os desequilíbrios do mundo contemporâneo, as aspirações mais comuns da humanidade, os mais profundos questionamentos do homem. Comentando a Constituição, o documento número 62, da CNBB – Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas – afirma que a esperança não afasta os cristãos dos outros homens e mulheres, mas torna-os ainda mais solidários:

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (Gaudium et Spes, 1).

A Constituição abarca os mais variados aspectos vivenciais da sociedade contemporânea, assim como as reações da comunidade eclesial foram as mais variadas em todos os lugares e segmentos. Muitas paróquias baniram as imagens dos santos. A possibilidade de se seguir as orações litúrgicas na própria língua fez desaparecer o costume de se rezar o terço durante a missa.

Como não podia deixar de ser, muitos padres e recém-formadas equipes litúrgicas, muitas vezes de modo autoritário, foram eliminando as práticas religiosas populares. Os hinos religiosos usados pelas comunidades

foram totalmente substituídos, inclusive com a imposição de uma linha melódica não condizente com a cultura nacional, levando muitas comunidades a rejeitarem essas mudanças consideradas por alguns como coisas do diabo.

O novo sopro de vida propiciado pelo Vaticano II influenciou não só reações localizadas e individualizadas, como também propiciou a organização de movimentos que se espalharam por onde a Igreja estivesse presente. Dentre eles, no espírito da proposta conciliar de uma nova Igreja para um mundo novo, nasceu a Renovação Carismática com a proposta de um novo afervoramento, num verdadeiro revivalismo da vivência da fé.

Antes do Concílio, a Igreja de Roma, por sua presença universal, esteve sempre consciente de todos os acontecimentos que transformavam o mundo. Contudo, enquanto a Sé Romana persistiu na posição de se colocar contra o admirável mundo novo que estava surgindo, os ensinamentos do Magistério Romano exauriam-se dentro dos limites eclesiais. Com o Concílio Vaticano II, pode-se dizer que a Igreja deu um passo efetivo na busca de compreender esse novo mundo que nasce e se desenvolve fora das paredes das catedrais, procurando inserir-se nele, e não apenas dominá-lo como historicamente sempre havia feito.

Não significa, porém que, com esses primeiros passos, as metas do Vaticano II tenham sido todas alcançadas, isto é, que a Igreja realmente tenha dado uma guinada de cento e oitenta graus. Isso nem seria possível, tratando-se de uma Igreja composta por homens que gozam do livre arbítrio e cobertos de interesses não propriamente evangélicos, embora quase sempre defendidos em nome do Evangelho. De um lado, houve muita abertura para as novas condições de vida e estruturação da sociedade, enquanto de outro, houve também uma reação conservadora, sacralizadora do passado e das instituições.

Embora conte com aspectos que podem até ser tidos como positivos, a RCC colocando-se, na maioria das vezes, como defensora dos valores do tradicionalismo romano, apresenta uma tendência para se estratificar dentro da própria Igreja Romana. Só não podia imaginar o Vaticano que, ao defender a RCC como sua ponta de lança na oposição intolerante à Teologia da Libertação, mais cedo ou mais tarde pudesse deparar com uma RCC independente, cismática dentro de seus muros.

## **2.2 RCC e CNBB: apoio e controle**

A Renovação Carismática Católica, no início conhecida como “pentecostalismo católico”, tem sua origem e se mantém atuante em torno de algo que podemos dizer que é uma experiência religiosa, a experiência do Espírito Santo, ou, na linguagem usada originariamente pelo grupo, o “batismo no Espírito”, expressão desaconselhada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, porque pode causar mal-entendido, como se houvesse, na Igreja Católica, dois batismos, o da água (sacramental) e o do Espírito Santo (experiencial).

No documento de número 62, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), os bispos, reconhecendo o crescimento dos movimentos eclesiais, uns originários de outros países, outros nascidos entre nós, consideram que “eles trouxeram muitas pessoas à experiência de Deus, ao encontro pessoal com Cristo, à opção de fé e à volta à Igreja” (Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas, 1999, 37).

No ano de 1974, foi iniciada pelo episcopado nacional, mais especificamente, pela CNBB, a discussão a respeito da RCC. Em 1977, a CNBB

manifestou sua preocupação quanto à ortodoxia da RCC, ao analisar a linha teológica dos carismáticos. E em 1993, foi enviado um questionário a todos os bispos, preocupada a CNBB com a presença e os rumos da RCC nas respectivas dioceses.

Em novembro de 1994, um documento oficial, emitido pela CNBB, teve como título *Orientações Pastorais à Renovação Carismática*, justificando a RCC como parte integrante da Igreja Católica no Brasil, preservando-a e adequando sua expressão religiosa aos princípios e aos sacramentos do ser católico.

Sobre o “Batismo no Espírito”, a CNBB, nesse mesmo documento, adverte: “A palavra ‘Batismo’ significa tradicionalmente o sacramento da iniciação cristã. Por isso, será melhor evitar o uso da expressão ‘Batismo no Espírito’, ambígua, por sugerir uma espécie de sacramento”. Aconselha, na oportunidade, que poderão ser usados outros termos como “efusão do Espírito Santo”, “derramamento do Espírito Santo”.

Essas orientações dos bispos do Brasil revelam um grande desejo: “que os movimentos possam, no diálogo e na caridade, dar testemunho de uma comunhão ‘sólida e convicta’ com a caminhada pastoral da Igreja Particular e crescer na estima recíproca com todas as formas de apostolado” (CNBB, 1999, 32). É a esperança dos pastores que, na diversidade, se construa a unidade da própria Igreja, congregando em torno de si todos os movimentos e aí, sim, teremos um só rebanho e um só pastor, pelo menos dentro da Igreja Católica.

“Tanta preocupação se baseia em que, em certos aspectos, a RCC parece se identificar com as religiões pentecostais, de origem luterana: um apelo muito forte à emoção, por meio de gestos corporais, acenos de louvores e músicas, bem como pela interpretação literal da Bíblia e sessões de cura para doenças do corpo e da alma” (site da CNBB).

Parece-nos que a preocupação com a RCC não pára por aí. Segundo a jornalista Jaísa Gleice Picaso,

(...) “o mais relevante movimento de leigos da Igreja Católica, a Renovação Carismática, recebeu uma novidade. Se boa ou ruim, ainda não se sabe, porém, à primeira vista parece questionável. Uma das instituições mais respeitadas do País, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), nomeou quatro bispos para acompanhar o movimento nacional que, até pouco tempo, recebia orientação somente do arcebispo de Palmas, Dom Alberto Taveira” (O Popular, 2000).

Essa mudança de um para quatro, segundo a jornalista, “foi justificada na imprensa nacional como a tentativa da CNBB em obter mais controle sobre a RCC”. Para os carismáticos, essa medida não é muito motivadora, porque afastou da liderança nacional do movimento um bispo que tem identificação pessoal com a RCC. No lugar de Dom Alberto, foi nomeada uma comissão episcopal formada pelos Bispos: Dom Mauro Montagnolli, de Ilhéus (BA), Dom Paulo Pontes, de São Luís (MA), Dom João Braz de Aviz, de Ponta Grossa (PR) e Dom Eduardo Koiak, de Piracicaba (SP).

Em agosto de 2000, na Capital Federal, os representantes da coordenação nacional da RCC e o Setor Leigo da CNBB, com seus assessores, juntamente com a Comissão Episcopal, designada pela presidência da CNBB para acompanhamento da RCC, reuniram-se com o objetivo de um diálogo entre CNBB e RCC.

Conforme o site da CNBB, “instaurou-se o início do diálogo com uma breve apresentação da história da RCC; em seguida, foram apresentados os painéis com as contribuições e dificuldades encontradas pela RCC: a) no processo de evangelização; b) na inserção nas dioceses e paróquias; c) no relacionamento com bispos e padres”.

Na ocasião, três assessores da CNBB apresentaram sua avaliação, mostrando “dificuldades e ganhos na pastoral de conjunto”; “pontos de acertos e dificuldades encontrados na catequese” e “contribuições e dificuldades na liturgia”.

Seis grupos compostos por sete membros da RCC e dois da CNBB foram formados para debater as seguintes questões:

- “No projeto de evangelização da Igreja no Brasil, o que você acha que favorece ou dificulta a atuação da RCC?”
- Que sugestões você daria para melhorar o relacionamento da RCC com: a) CNBB; b) Bispos; c) Padres; d) Comunidade paroquial; e) CEBs? E o que favorece e dificulta o relacionamento da RCC com as pastorais, particularmente as pastorais sociais?” (Site da CNBB).

Desse encontro, chegou-se a um reconhecimento de que a RCC, ligada à hierarquia,

“tem seu jeito próprio de ser, trazendo contribuições, valores ganhos para a Igreja em sua estrutura: a valorização do primeiro anúncio, o protagonismo dos leigos, redescoberta do senso religioso por muitas pessoas que estavam afastadas; o amor às Sagradas Escrituras, aos sacramentos, devoção a Maria, espírito orante; valorização do emocional, celebrações criativas e alegres, capacidade de concentração de massas e os diversos serviços exercidos conforme os carismas que vão se manifestando e sendo assumidos pelos seus membros de acordo com as necessidades da RCC e da sociedade” (Ibidem).

Na verdade, quando expõe seus princípios doutrinários a RCC procura seguir os ensinamentos oficiais e tradicionais da Igreja, no que diz respeito também ao aspecto do liame Evangelho e promoção humana, repetindo os ensinamentos dos variados documentos produzidos pelo Magistério romano.

Dessa forma, a liderança carismática reconhece que a RCC, como Igreja, também deve anunciar e se empenhar na construção de uma nova humanidade, fundamentada na justiça e na fé:

“Não podemos nos furtar a esta tarefa e nem nos omitir, contentando-nos com uma falsa espiritualidade alienante. Não devemos ter medo de assumir os campos que são próprios para ação do leigo cristão: o mundo do trabalho, da política, da economia, da cultura. Deve conclamar a todos os seus participantes a ocupar os espaços que são de direito e dever dos leigos, na tarefa de conduzir toda a humanidade para Deus. Nossa fé há de se traduzir em gestos concretos, em ações, em compromissos” (OFENSIVA NACIONAL, 1993, p. 52).

### **2.3 RCC e CEBs: uma via de mão-dupla**

Na realidade, desde que a RCC e as CEBs se implantaram no Brasil, a Igreja Católica passou a conviver com dois campos religiosos diferenciados e, até mesmo, opostos na sua práxis, gerando uma certa tensão entre alas progressistas e conservadoras da Igreja, dada a práxis religiosa desses dois movimentos antagônicos.

Se nos Estados Unidos, país de condições sociais extremamente favoráveis a seus cidadãos, a vida eclesial pós-conciliar floresceu exemplarmente na RCC, na América Latina, pelo contrário, porção dependente do capitalismo internacional e cuja situação social dentro da ordem capitalista faz surgir a opressão de seus povos, a inspiração conciliar concretizou-se em outra visão teológica, muito mais ligada à prática social de libertação da opressão em nome do Evangelho.

Foi esta a leitura teológica feita pelo episcopado latino-americano reunido em Medellín, em 1968, que resultou na opção preferencial pelos po-



bres. É da reflexão teológica sistemática sobre esse posicionamento que surgiu a chamada Teologia da Libertação, concretizada nas práticas das Comunidades Eclesiais de Base.

No 8º Encontro Nacional de Presbíteros, realizado em Itaici, em fevereiro de 2000, cerca de 500 padres se reuniram para discutir o perfil do novo padre da Igreja Católica no Brasil. Em artigo publicado no jornal *O Popular*, foi unânime, entre os padres que deram seus depoimentos, a opinião de que a Igreja Católica está vivendo uma fase de transição nos dias atuais.

Assim o padre Antônio Aparecido Pereira, de São Paulo, resumiu em poucas palavras o tema em discussão nesse encontro: “É uma união de forças e um momento de reflexão sobre assuntos que dizem respeito à transição da Igreja Católica nos dias atuais e aos problemas de adaptação interna” (*O Popular*, 6-2-2000).

Padre Alírio Bervian, da Aldeia Xingu de Altamira, também fez referência a esse momento de transição por que passa a Igreja, enfatizando a necessidade da participação mais direta dos padres nas lutas sociais: “O presbítero precisa estar presente nas lutas sociais por ser um integrante do povo, com as mesmas necessidades a serem reclamadas” (*Ibidem*).

Padre José Fernandes, conhecido como Pe. Zezinho, foi mais duro no seu posicionamento em relação à participação dos chamados padres cantores na mídia, propondo intervenção da CNBB na participação – para ele excessiva – de sacerdotes na mídia: “É preciso criar um projeto para que não se passe dos limites. É errado um padre subir no mesmo palco para cantar junto com o Reginaldo Rossi, por exemplo” (*Ibidem*).

Essas divergências parecem ter-se acentuado, ainda mais, por ocasião do 10º Encontro Nacional das CEBs, também sob a supervisão da CNBB,

realizado no mês de julho, em Ilhéus, Bahia. Para Frei Betto, em artigo retirado do noticiário católico na Internet,

(...) “as CEBs são um novo modo de ser Igreja e um novo modo de a Igreja ser, a partir dos pobres. Nem todos os participantes vivem em condições de pobreza, mas o direito dos pobres centraliza a sua espiritualidade. Não se restringem à animação da fé. Na linha do amor ao próximo, criam projetos alternativos para minorar o sofrimento do povo: cooperativas de trabalhadores (RS); associações de quebradeiras de coco babaçu (MA); casas de farinha e de moinhos comunitários (CE); associações de vendedores ambulantes (BA); pré-vestibular para negros e carentes, e clubes de mães (RJ); cooperativas de costureiras (PB); construção de casas em mutirão (SP); fundos de apoio ao artesanato popular (SC); organização dos seringueiros (AC); farmácia comunitária e formação de agentes populares de saúde (vários estados) etc.” (BETTO, Internet).

Nota-se claramente a contraposição ao estilo carismático na acentuação de que as CEBs “não se restringem à animação da fé, pelo contrário, criam projetos alternativos para minorar o sofrimento do povo”.

As Comunidades Eclesiais de Base surgiram no contexto socioeconômico característico dos países latino-americanos, isto é, os chamados países do antigo Terceiro Mundo, subdesenvolvidos, atualmente considerados países em via de desenvolvimento. A RCC, em contrapartida, surgiu nos EUA, país desenvolvido, em um retiro espiritual, reunindo professores e alunos economicamente bem abastados, influenciados pelo pentecostalismo.

Na dissertação de mestrado de Maria da C. SILVA, a autora mostra que essa oposição de interesses políticos que marcam as CEBs e a RCC vem da sua própria origem. Assim,

(...) “as origens norte-americanas da Renovação Carismática Católica e das religiões pentecostais e as latino-americanas da Teologia da Libertação definem claramente os interesses políticos opostos, embutidos nas duas vertentes que são antagônicas. A primeira é a daqueles que louvam e agradecem ao ‘Senhor’ que os fez donos do mundo. E a segunda é a dos que

querem se libertar da exclusão social, conduzindo-os ao processo de marginalização. Dessa forma, a origem do movimento carismático esteve relacionada às práticas de meditação inovadoras no interior da Igreja Católica, porém, no embate com a Teologia da Libertação, acabou por assumir uma postura contrária conservadora, uma vez que a prática libertadora propunha ruptura com as estruturas de domínio na América Latina, e isso não constituía a proposta do movimento carismático” (SILVA, 1998, p. 52).

Essas diferenças, contudo, poderiam ser assumidas como complementares, e não como opostas, uma vez que tanto uma como a outra correspondem a dimensões diferentes do ser religioso, mas nem por isso fazem do religioso um ser contraditório. A não interatividade dessas dimensões é que constitui a raiz dos desacertos, caminhando ambas em vias opostas. O ideal seria que se pudesse fazer uma síntese onde a Teologia da Libertação, vivenciada nas CEBs, com suas análises políticas e econômicas da sociedade, fornecesse as armas, e a RCC, com seus hinos e louvores, fornecesse o unguento para o duro combate da vida que se transformou em fé cristã. Embora esse ideal pareça não ser exequível na prática pessoal, como nos fazem lembrar as irmãs Marta e Maria, ou o que se lê em Lc 11,42: “Importava praticar estas coisas sem deixar de lado aquelas”.

No entanto, a reação da Igreja foi a de abraçar a Renovação Carismática Católica como algo muito bem-vindo a uma época em que ganhava espaço, na América Latina, a Teologia da Libertação, questionada e não tão bem aceita por uma ala conservadora da Igreja que identificava essa teologia com o marxismo.

Rolim, em *Dicotomias religiosas, ensaio de Sociologia da Religião*, ao analisar os motivos pelos quais a ala conservadora identifica, de modo condenatório, tanto a Teologia da Libertação como as Comunidades Eclesiais de Base com o marxismo, aponta algumas causas.

Nascidas sob a mira de fogo dos seus opositores, aliados à ala política de direita, a Teologia da Libertação e as CEBs foram acusadas de infiltrações marxistas. Rolim, porém, acredita que a razão fundamental dos ataques não é propriamente o marxismo. Para ele, os atacantes que se utilizavam desse argumento, “não distinguem, nem de leve, o marxismo dogmático, mecanicista, do correto pensamento de Marx, tampouco do exato pensamento de Bloch” (ROLIM, 1996, p. 203).

Essa ala católica conservadora, segundo Rolim, não percebia que o marxismo combatido por ela não era o materialismo imaginado, nem o ateísmo que denunciava. Mal percebia essa ala que, nesse fogo cruzado, germinavam novos deuses, deuses-ídolos defendidos por um sistema capitalista que só fez crescer, no Brasil e em grande parte do mundo, o número daqueles que, hoje, vivem na extrema miséria, excluídos dos bens a que todos deveriam ter direito. Essa ala não percebeu que o que estava na mira de Marx não era a religião em geral, mas a religião institucionalizada do seu tempo, ou seja, da sociedade capitalista de sua época.

Denunciar, portanto, as situações de opressão e de injustiça que ameaçam a vida da humanidade, neste mundo, é uma dimensão missionária do profeta. Traduzindo, em sua própria vida, essa dimensão profética, afirma Dom Romero: “Não podemos nos calar como Igreja profética num mundo tão corrupto, tão injusto”.

Assim, ser Igreja profética é erguer sua voz em favor dos oprimidos e injustiçados, que vivem à margem do banquete da vida. Essa é a vocação à qual toda a Igreja é chamada. “Não é uma escolha que fazemos, um projeto que nos damos, é uma obrigação que cai sobre nós na encruzilhada da injustiça do mundo com a justiça de Deus” (CHENU, 1985, p. 86).

Fica difícil falar de um não comprometimento dos profetas para com a justiça social. Este comprometimento salta aos olhos. Contudo, se é verdade que o profeta se movimenta na história, é igualmente verdade que suas raízes mais profundas estão fincadas também além da história, na transcendência da fé. Exemplo disso é o profetismo de Israel. Sua análise não pode ser limitada a uma análise espaço-temporal, se quiser abranger toda a dimensão da ação profética.

Nesse embate ideológico, a RCC, no plano maior de segmento organizado da Igreja, bem mais do que na manifestação cültica de seus membros, afirma preocupar-se com o aspecto da justiça social, como o comprovam as obras por ela mantidas aqui em Goiânia. A coordenação do movimento afirma que

(...) “a Associação Servos de Deus é uma obra filantrópica e de Utilidade Pública da Renovação Carismática Católica, que visa à assistência social voltada para a Evangelização e Promoção Humana, integrando fé e vida. Através de diversos núcleos, a Associação atende menores carentes, assiste deficientes físicos e busca a recuperação e reintegração social de alcoólicos e dependentes químicos. Nosso trabalho é baseado no apoio moral, religioso e psicológico, além de alimentação e cursos de formação profissional em marcenaria, serralheria, corte e costura e panificação.”<sup>7</sup>

Assim, como movimentos de Igreja, a RCC e as CEBs são dimensões opostas, mas não necessariamente antagônicas, do catolicismo: a primeira voltada para solidariedade como instrumento para construir um mundo fraterno, “tive fome e me deste de comer”, e a segunda voltada para transformação das estruturas que não deixam construir um mundo mais justo, acreditando que isso só se consegue sendo “fermento, sal e luz”.

---

<sup>7</sup> Folheto distribuído em Goiânia pela Associação Servos de Deus.

A RCC coloca-se, de um lado, contra as injustiças, tendo como projeto social a institucionalização da “promoção humana” do indivíduo carente. Por outro lado, aquela dimensão profética contestadora das injustiças sociais não se mostra tão explicitamente como na Teologia da Libertação cuja prática progressista tem como objetivo denunciar as estruturas de opressão vigentes não só na América Latina, mas no mundo todo.

## CAPÍTULO 3

### **A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA NA PERSPECTIVA DO OUTRO**

Como muitos, inclusive em Goiânia, têm-se preocupado em estudar o fenômeno da Renovação Carismática Católica como experiência religiosa, no seu interior, na sua práxis, optou-se, nesta dissertação, por trilhar um outro caminho: observar esse mesmo fenômeno sob outro ângulo. Assim, por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, neste trabalho se propõe a levantar a imagem da RCC junto aos teólogos e cientistas da religião e também junto aos católicos praticantes não-carismáticos. Essa dupla amostragem é denominada nesta dissertação de outro.

Dessa forma, ao longo deste capítulo, buscar-se-á responder à seguinte pergunta, que norteou todo este estudo: o que pensa o **outro** sobre a RCC?

#### **3.1 Metodologia e definição da amostra pesquisada**

Antes de apresentar qualquer resultado estatístico das pesquisas, torna-se importante e necessário para se definir, com bastante precisão, o perfil da amostra entrevistada, identificar quem é o *outro* neste trabalho, quais foram os passos dados para identificá-lo e qual a imagem que ele faz da RCC.

### **3.1.1 Católicos praticantes não-carismáticos**

Talvez não se chegasse a lugar algum se a pesquisa tivesse ouvido todos os católicos que não pertencessem ao Movimento de Renovação Carismática, simplesmente pelo fato de serem católicos e estarem fora dos quadros do movimento. Sabe-se que nem todos os católicos têm uma mesma prática, uma mesma vivência religiosa. Nem todos tampouco têm um mesmo conhecimento dos movimentos de Igreja, ou por não pertencerem a um deles ou simplesmente por não terem uma prática mais assídua e, assim, nem se interessarem por eles.

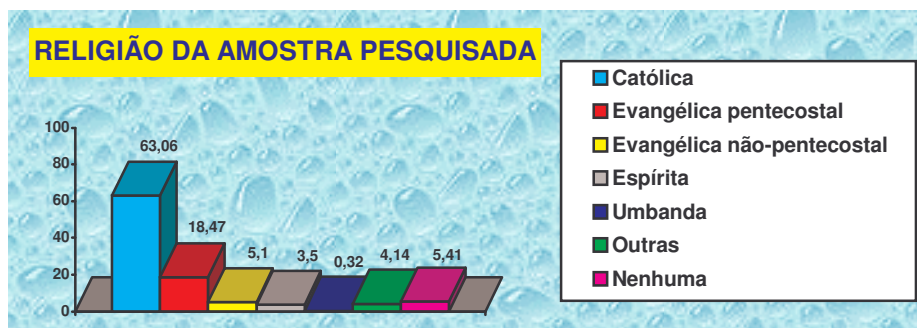
Se não fosse bem definida a amostra, correr-se-ia o risco de se chegar a elevado número de respostas estatisticamente vazias pelo simples fato de não ter atingido, na aplicação dos questionários, o público-alvo da pesquisa. Previstos, pois, na metodologia da pesquisa, os filtros foram sendo aplicados nas primeiras questões do questionário até se chegar ao público-alvo.

Dentro do universo composto por fiéis das paróquias Sagrada Família, Santo Inácio de Loyola, São Francisco de Assis e São Miguel Arcanjo, pertencentes à Arquidiocese de Goiânia, foram abordadas 314 pessoas, independente da religião a que pertenciam, com idade igual ou superior a 15 anos, durante o mês de janeiro de 2001.

Como nessa primeira abordagem fosse impossível identificar o público-alvo, isto é, católico praticante não pertencente aos quadros da RCC, foi apresentado um cartão com o nome de todas as denominações religiosas mais expressivas para que a pessoa abordada dissesse o nome da sua religião. Assim, aplicado o primeiro filtro, poderiam ser identificados, nessa primeira abordagem, os católicos nas quatro paróquias pesquisadas.



No gráfico, a seguir, pode-se observar a participação das religiões nessas paróquias pesquisadas:

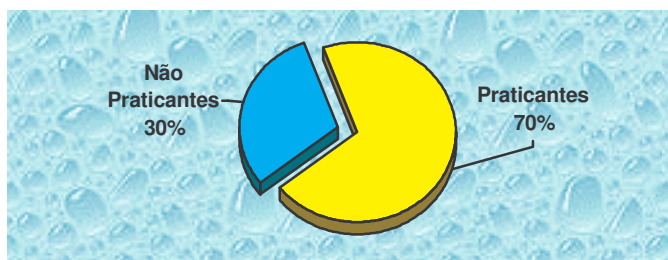


Fonte: Mestrando Roque Toscano, Goiânia, JAN/2001.

Base: 314

Nesse gráfico anterior, **participação das religiões**, é possível começar a delinear o público-alvo da pesquisa. Tomando apenas o grupo dos católicos, 63% dos entrevistados, não se pode saber ainda se todos são praticantes ou não. Assim, outro filtro foi aplicado para que fosse dado mais um passo em direção ao público-alvo da pesquisa: católicos praticantes não-carismáticos. Nesse sub-universo denominado, portanto, de **católicos**, fazendo uma outra pergunta, puderam-se identificar os católicos praticantes<sup>8</sup>.

Neste segundo gráfico, pode-se observar, entre os que se dizem católicos, o nível de assiduidade na participação da vida da Igreja à qual pertencem, identificando-se os praticantes e os não praticantes:



Fonte: Mestrando Roque Toscano, Goiânia, JAN/2001.

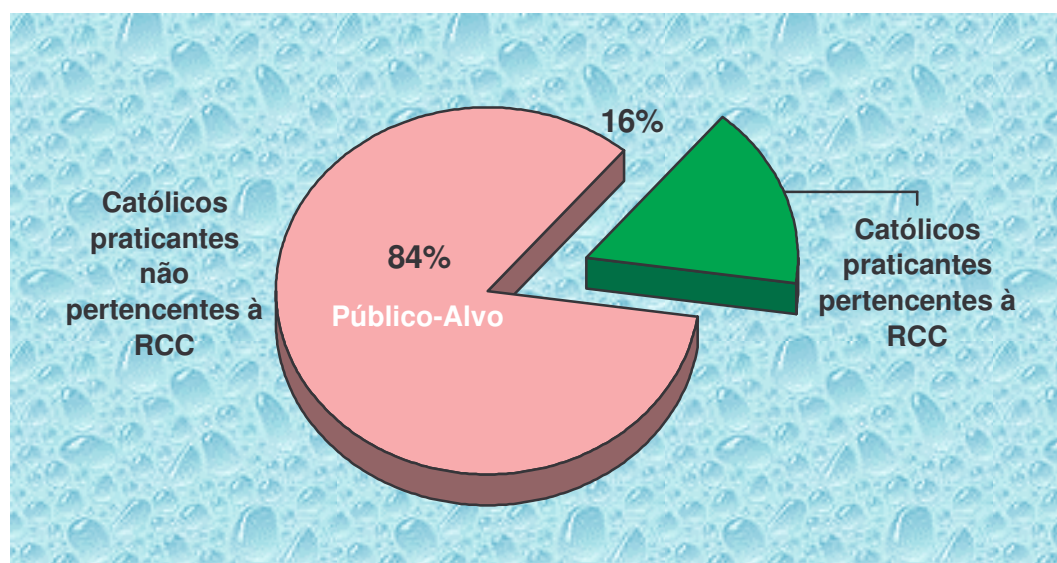
Base: 198

<sup>8</sup> Entende-se por *católicos praticantes*, nesta pesquisa, aqueles que freqüentam regularmente o culto dominical.

Como o objetivo do projeto de mestrado era analisar o fenômeno religioso na visão do *outro*, isto é, daquele que não pertencesse à RCC, aplicou-se um novo filtro para excluir da entrevista completa todos aqueles que pertencessem a esse movimento. Com esse filtro, pôde-se dar mais um passo para que fosse identificado o público-alvo da pesquisa: **católicos praticantes não-carismáticos**.

Assim, no próximo gráfico, poder-se-á visualizar o nível de participação dos católicos considerados praticantes no movimento da Renovação Carismática nas quatro paróquias pesquisadas.

Após todos esses passos, denominados de filtros, puderam ser segmentados os católicos praticantes em dois níveis: pertencentes e não pertencentes aos quadros da Renovação Carismática Católica. Com esse último filtro, identificou-se, portanto, o público-alvo no universo dos católicos dessas quatro paróquias, o que demonstra o gráfico a seguir.



Fonte: Mestrando Roque Toscano, Goiânia, JAN/2001.

Base: 138

É interessante observar, nesse gráfico, que nessas quatro paróquias, no universo dos católicos praticantes, o público-alvo não estava difícil de ser encontrado: ele, **católicos praticantes não-carismáticos**, constituía maioria absoluta, 84% do universo dos católicos. Portanto, apenas 16% dos católicos, que freqüentam regularmente a igreja, disseram pertencer ao movimento da Renovação Carismática Católica, à época da pesquisa.

Nesse subuniverso, ou segmento amostral, é que se aplicou o questionário completo para se alcançar o objetivo básico deste estudo: identificar a imagem, a visão dos católicos-praticantes não-carismáticos sobre esse movimento admirado por uns e contestado por outros, dentro e fora das fronteiras da própria Igreja Católica Apostólica Romana.

É, portanto, na ótica desse segmento, e não de outro, que se devem conceber e analisar os resultados condensados na pesquisa, porque é esse um dos segmentos que constituem, nesta dissertação, o que se denomina de **o outro**.

### **3.1.2 Teólogos e cientistas da religião**

Uma segunda pesquisa, de caráter bibliográfico, foi realizada para compor o grande segmento denominado de **o outro** nesta dissertação. Assim, foram lidos livros, revistas e jornais, a partir dos quais foram levantadas algumas posições a respeito da RCC junto a seus autores.

Neste capítulo, portanto, serão apresentados os resultados dessas pesquisas, não de forma isolada, mas um tanto quanto dialogada, com o objetivo de expor o que pensam sobre o movimento da Renovação Carismática esses dois segmentos amostrais: **católicos praticantes não-**

**carismáticos e teólogos e cientistas da religião.** São segmentos muito distintos, diferenciados, enfocando o mesmo objeto: o fenômeno religioso denominado de Renovação Carismática Católica.

### **3.2 A imagem da RCC a partir do olhar do outro**

Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi vêem a RCC como um movimento oposto às CEBs não só no Brasil como em outros países do terceiro mundo. Para esses sociólogos, “a Igreja Católica acabou concebendo dois irmãos, antagônicos, que não poderiam conviver facilmente no mesmo espaço”, embora ambos buscassem o reconhecimento do Vaticano II, que marcou a vontade da grande mudança dentro do catolicismo, sendo expressão de atualidade e modernidade. Fica, aqui, reforçada a opinião de que, numa análise mais pastoral do que sociológica, antes de antagonismo, dever-se-ia falar mais de ênfase de uma posição ou de uma dimensão do catolicismo.

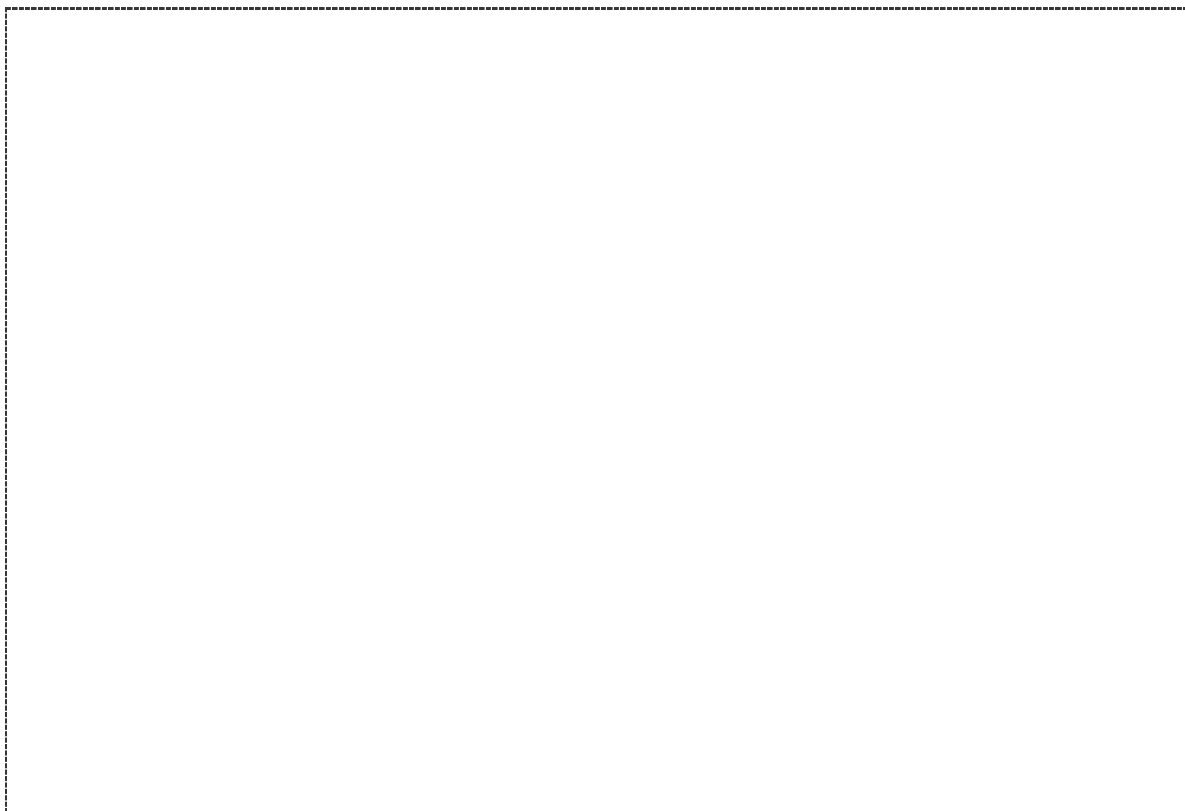
Essa análise, sociológica, é difícil de ser feita por aqueles que não navegam com a mesma facilidade dos sociólogos pelas águas das ciências sociais. Assim, conforme a pesquisa de campo realizada em 4 paróquias da Arquidiocese de Goiânia, 81% dos entrevistados disseram “não saber opinar” quando foi apresentada a seguinte afirmação: **“A RCC é uma religiosidade oposta à religiosidade das CEBs”**.

Em geral, o segmento religioso pesquisado não ignora a existência desses dois movimentos no seio da Igreja Católica. Faltam-lhe, porém, elementos teóricos suficientes que possibilitem fazer uma comparação e identifi-

car semelhanças e diferenças entre esses irmãos que são, do ponto de vista dos sociólogos, antagônicos, mesmo gestados dentro da própria Igreja.

Ao solicitar à amostra pesquisada os pontos fortes da RCC, pôde-se observar como essa amostra percebe a práxis religiosa dos carismáticos. Interessante observar que nas respostas a essa questão, os católicos não-carismáticos não fizeram nenhuma confusão entre a RCC e as CEBs, isto é, não apareceu a indicação sequer de um ponto considerado forte que o aproximasse da práxis religiosa das CEBs.

Eis alguns deles: “A fé dos carismáticos/o louvor”, 27%; “a alegria/músicas alegres”, 24%; “a união dos membros/a amizade”, 13%; “as missas carismáticas/celebrações animadas”, 8%.



(Encontro promovido pela RCC, realizado no Parque Agropecuário de Goiânia, em agosto de 2000.  
Lema: Oh! Trindade vos louvamos!)

Baseando-se, nos dados da pesquisa, pode-se confirmar uma das hipóteses levantadas no projeto de qualificação quando se concebem RCC e CEBs como práticas religiosas opostas. A amostra pesquisada não mesclou características desses dois irmãos sociologicamente antagônicos. Pode até não conhecer as CEBs, mas as características da RCC são bem claras à amostra, isto é, inconfundíveis.

Para os citados sociólogos, as CEBs, que representavam a face mais progressista da Igreja na América Latina, na década de 70, foram se marginalizando lentamente diante das colocações e medidas tomadas pelas instâncias superiores da Igreja Católica. Nelas havia toda uma militância política de esquerda, representando a voz dos humilhados e massacrados, denunciando as práticas antidemocráticas de autoridades públicas que abraçavam o regime militar instalado no Brasil a partir de 1964. Segundo Higuét, “a autoridade máxima da Igreja, em carta apostólica dirigida aos bispos brasileiros em 1980, prega que a Igreja não deve se envolver em questões sociais em detrimento de sua missão especificamente religiosa” (HIGUET apud PIERUCCI & PRANDI, 1984).

Paulo VI, dirigindo-se aos presentes na III Conferência Internacional da RCC, realizada em Roma, disse que “a Igreja e o mundo têm necessidade, mais do que nunca, de que o prodígio de Pentecostes se prolongue na História. Esta Renovação Espiritual, como poderia deixar de ser uma ‘sorte’ para a Igreja e para o mundo? E neste caso, como não adotar todos os meios para que continue a sê-lo?” (Apud Ofensiva Nacional, p. 88).

Na Audiência ao Conselho Internacional de 11 de dezembro de 1979, João Paulo II reforça o apoio dos papas à RCC, afirmando estar “convencido de que este movimento é um importante componente dessa total renovação da Igreja, dessa renovação espiritual da Igreja” (Ibidem, p. 88).

Com essas medidas e posições de alguns papas, não seria impossível que as CEBs começassem a se enfraquecer por falta de apoio explícito do Vaticano, enquanto a Renovação Carismática sentia que lhe era dado de Roma o aval de que necessitava para criar mais força e alcançar o mundo todo.

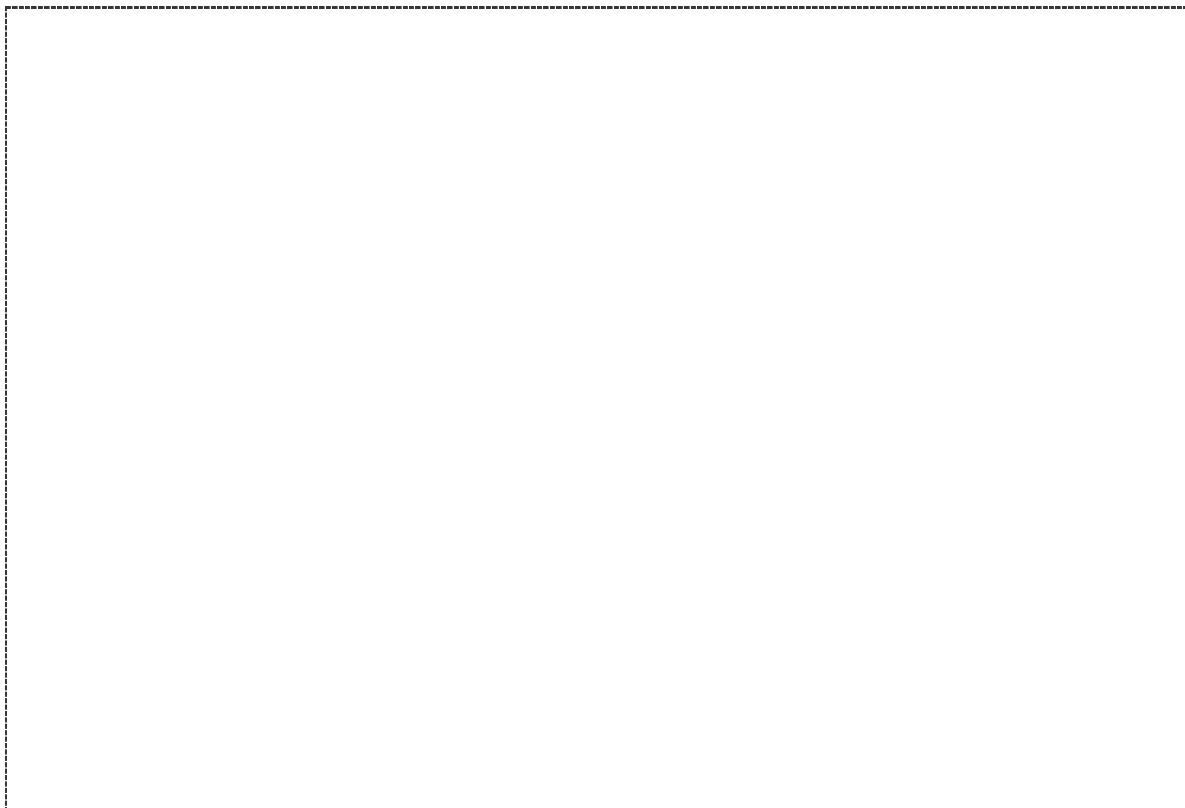
Pode-se considerar que as próprias circunstâncias da sociedade civil, com a queda da ditadura explícita exercida pelos militares, favoreceram o arrefecimento e a saída das CEBs do primeiro lugar, na ordem do dia. A imprensa e outros, com interesse não-religioso, não tinham mais por que agitar, pelo menos aparentemente, a bandeira das Comunidades Eclesiais de Base.

Pelo contrário, a partir daquele momento essas comunidades passaram a ser vistas como inimigas por muitos deles. Por outro lado, quando o poder político não toma a iniciativa de agredir explicitamente a sociedade civil, esta facilmente se acomoda à nova organização vigente, e as bandeiras de luta são recolhidas pelos vários segmentos da sociedade.

Embora a RCC tenha encontrado na voz dos últimos papas apoio e legitimidade, e tenha sido a protagonista de grandes exposições na mídia, 36% dos entrevistados católicos praticantes não-carismáticos disseram na pesquisa que “nada conhecem sobre o movimento dos carismáticos”. Considera-se um índice bastante elevado e muito significativo, mostrando certa fragilidade da RCC o fato de que, entre os católicos praticantes, mais de um terço disse não conhecer nada sobre esse movimento. Entre os não praticantes, talvez pudesse ser esse índice ainda mais surpreendente.

Contudo, excluiu-se metodologicamente essa parcela de católicos das análises subseqüentes, porque, partindo do princípio de que essa parcela, tendo alegado nada conhecer sobre o movimento, não poderia se posicionar com fundamento sobre as questões relacionadas à RCC.

Perguntado, portanto, àqueles que têm algum conhecimento da RCC, “o que vem à cabeça quando se fala de Renovação Carismática Católica”, 48% dos entrevistados associaram esse movimento com a “participação das pessoas, atraindo inclusive o jovem para a Igreja”. Uma imagem que vem também à mente das pessoas entrevistadas é o “sentimento de fé/o jeito de louvar dos carismáticos”, com 20%. Para 17% dos entrevistados a “RCC trouxe uma grande renovação dentro da Igreja”, batendo aqui de cheio com as expectativas dos papas à época dos primeiros passos do movimento, que da América do Norte expandiu-se pelo mundo todo. Essa renovação e participação das pessoas, principalmente dos jovens, é favorecida pelas “missas alegres, animadas” que 13% dos entrevistados percebem na RCC.



(Encontro promovido pela RCC, realizado no Parque Agropecuário de Goiânia, em agosto de 2000.  
Lema: Oh! Trindade vos louvamos!)



Convidado, segundo Pierucci e Prandi, para falar sobre o tema Renovação Carismática no catolicismo a grupos de oração da RCC em Sapopemba, bairro de periferia de São Paulo, Frei André começa discutindo o significado da palavra “poder” na relação entre os homens, e entre os homens e Deus. Sem negar a relevância de valores cristãos vivenciados pelos membros da RCC, frei André “procurou expor a fraqueza fundamental da Renovação, no seu entender: a ênfase exagerada no trabalho interno, espiritual e a pouca ênfase no trabalho social, político” (PIERUCCI & PRANDI, 1996, p. 85-86).

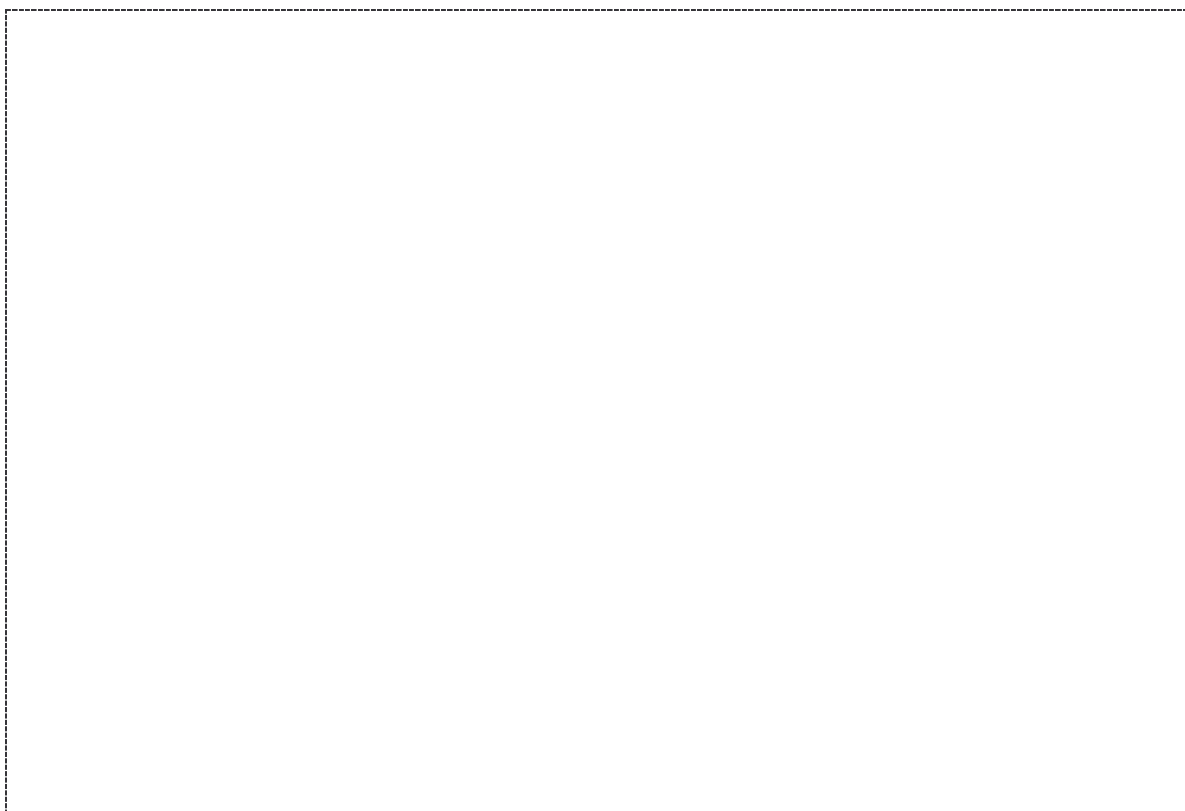
Para o referido palestrante, não é possível que em um país onde 30 milhões de pessoas não têm o que comer diariamente, “um indivíduo se dizendo padre e portador da mensagem do Senhor seja capaz de pregar durante duas horas exclusivamente sobre os poderes e a grandeza do Espírito Santo”. Numa situação como essa, “a pregação acaba por distorcer e corromper a própria palavra divina: antes da oração, é preciso o pão”, conclui frei André.

Ivo Pedro Oro, padre e mestre em Ciências da Religião, em seu livro *O outro é o demônio* (uma análise sociológica do fundamentalismo), em nota explicativa de rodapé, mostra-nos que a origem do revivalismo remonta ao século XVIII, na Inglaterra e nos EUA.

Segundo Oro, eram momentos de encontro em que, através de determinadas técnicas, “as pessoas eram levadas a ter uma experiência religiosa que as conduzisse a um estado de êxtase religioso e a um relacionamento imediato com Deus”. A atuação do pregador era decisiva. Geralmente em meio a um clima densamente emocional, ele podia convencer os fiéis de sua

situação de pecadores, desafiá-los para a aceitação da salvação e levá-los ao encontro com Jesus no Espírito Santo”.<sup>9</sup>

Esse clima emocional está tão presente na RCC que, perguntado à amostra pesquisada se “emoção na oração, no louvor, tem alguma vinculação com a RCC”, as respostas afirmativas chegaram a 100% dos entrevistados na Paróquia Sagrada Família. É a imagem mais forte da RCC para aqueles que se encontram do outro lado, do lado de fora do movimento, que confirma as análises dos teóricos. Essa experiência com o sagrado na oração e no louvor leva os carismáticos a um verdadeiro êxtase religioso. Durkheim (1996) vê nesse entusiasmo coletivo de um grupo possibilidade de se fazer uma experiência com o sagrado.



**(Igreja da Paróquia Sagrada Família, na Vila Canaã, Goiânia-GO., no mês de janeiro de 2001, em uma das missas de libertação e cura)**

---

<sup>9</sup> cf. Antônio G. Mendonça e Prócoro Velasques Filho, *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, São Paulo, Ed. Loyola, 1990, pp. 81-99 .

Com grande ênfase na condição de pecador em que o fiel se encontra, os revivalistas tendem a buscar a salvação numa perspectiva individual, combatendo o maior inimigo, o demônio. Tomam a Bíblia ao pé da letra, “optando por uma ética centrada no evitar os vícios e abandonar os passatempos, como bebida, fumo, danças, cartas e teatro”, diz Oro (1996).

Oro ainda afirma que através do movimento fundamentalista, inúmeros grupos cristãos, firmemente conduzidos por seus respectivos líderes, buscaram na Bíblia a segurança para as conturbações vividas na sociedade e na religião. “Encontraram nessa renovada militância religiosa – celebrações carregadas de emoção, missão e combate ao inimigo – o fortalecimento de sua identidade como salvos em Cristo e a certeza da vitória final, pois, como se cria, em breve Cristo virá, vai derrotar o demônio e estabelecer o seu reino” (ORO, 1996).

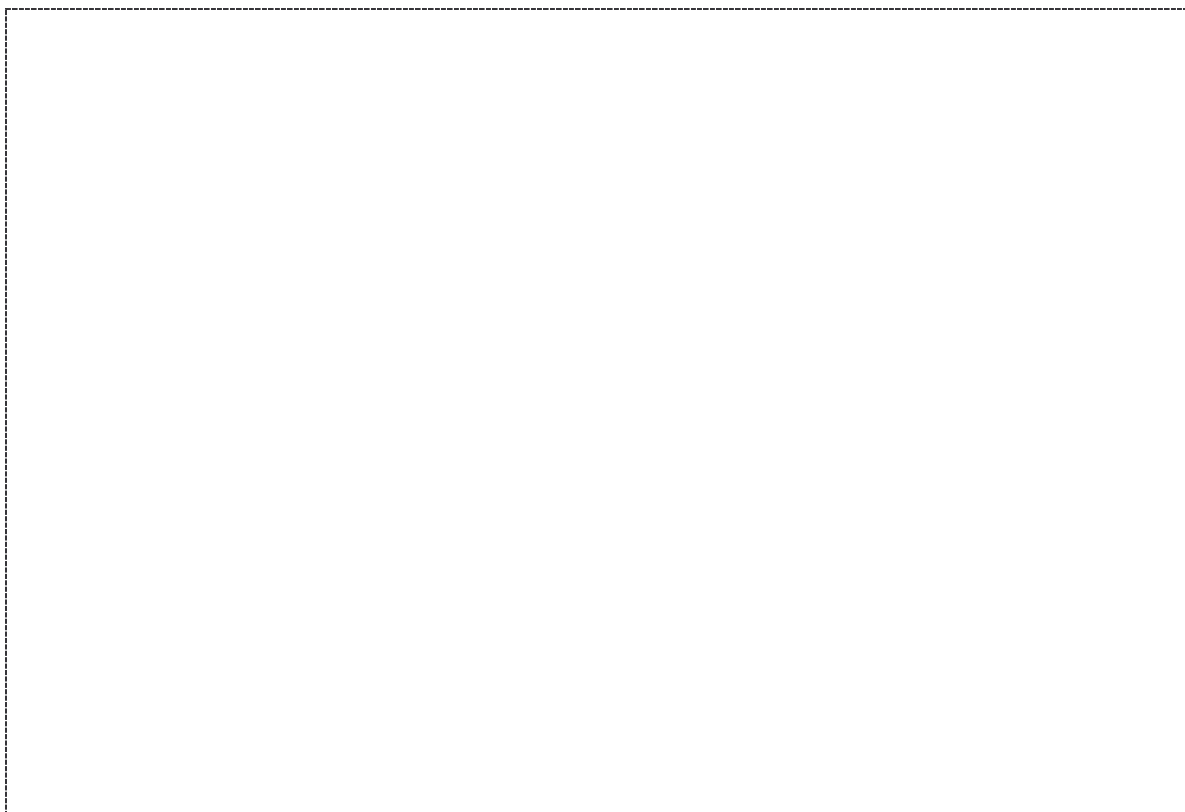
Da forma como esse teólogo se refere aos movimentos fundamentalistas, há indicativos fortes que a RCC tem nítidas aproximações com alguns aspectos do fundamentalismo, dentre eles a interpretação literal dos textos sagrados. Neles estão as verdades fundamentais que devem orientar a vida de um crente. A Bíblia se torna autoridade absoluta e nela se encontra o fundamento da própria religião e/ou movimento religioso.

Basta assistir a uma missa de libertação, do Pe. Luiz Augusto, na Vila Canaã, às quintas-feiras à tarde, para que possam ser observados esses aspectos doutrinários presentes ao iniciar o culto: “o inimigo, este precisa ser expulso, colocado ao pé da cruz de Jesus para ser destruído pelo sangue e poder do Senhor Jesus”.<sup>10</sup> A Bíblia substitui o folheto comumente utilizado pela

---

<sup>10</sup> Frase pronunciada pelo sacerdote carismático, ao iniciar a missa de cura e libertação numa quinta-feira, resultado de algumas observações sistemáticas registradas nesse trabalho.

maioria das paróquias e é tão respeitada e reverenciada durante a missa como o Santíssimo no ostensório quando, no final das celebrações, circula pelo interior do templo nas mãos do líder religioso, levando as pessoas, ali presentes, quase ao delírio.



**(Igreja da Paróquia Sagrada Família, na Vila Canaã, Goiânia-GO., no mês de janeiro de 2001,  
em uma das missas de libertação e cura)**

No final das celebrações, a imposição das mãos sobre as cabeças dos fiéis, costume antigo na Igreja primitiva, faz parte das demoradas celebrações, levando os fiéis a formar enormes filas para serem agraciados pelo gesto do sacerdote, líder máximo nesses cultos católicos.

E, na pesquisa realizada, pôde-se constatar como a amostra percebe essa valorização da Bíblia ao pé da letra, atingindo a confirmação de 77% dos

entrevistados da Paróquia Sagrada Família. Revela também a pesquisa, com 94% da opinião dos entrevistados, que missas de cura estão intimamente ligadas à RCC, o que demonstra a preocupação de o fiel libertar-se dos males e do maior mal que, para pentecostais e carismáticos, não deixaria de ser o demônio.

Em seu livro *Dicotomias Religiosas*, Francisco Cartaxo Rolim faz uma crítica ao catolicismo conservador que busca o céu, a graça santificante, a alma, a felicidade na vida eterna, afirmando que “nada disso incomoda a propaganda e práticas capitalistas e quanto mais ele prega, abstratamente, sobre esses valores, mais serve ao capitalismo”. Muitos integrantes dessa ala conservadora, imaginavam que sermões politizantes conscientizando os fiéis da situação econômica do país poderiam afastar católicos das igrejas, indo esses bater às portas das seitas pentecostais.

Nesse contexto, Rolim reconhece o surgimento de novas modalidades de religiosidade, dentre elas a Renovação Carismática Católica, questionada dentro e fora da Igreja. Para ele, essas modalidades religiosas surgiram com alguns aspectos positivos, mas com muitos outros contraproducentes:

“a) congrega sobretudo pessoas da classe média semi-aburguesadas, aposentados e poucos jovens. Predominância de mulheres, ausência de trabalhadores engajados em lutas sindicais; b) se, por um lado, o clima emocional se derrama nesses encontros, ajudando os cânticos de participação, por outro lado, a emotividade induz os assistentes a se sentirem satisfeitos ao saírem alegres do final dos cultos; c) mas, cabe reparar que os encontros carecem de uma visão globalizante do mundo – mundo social e cosmo físico” (ROLIM, 1996, p. 196).

Para Rolim, é estarrecedor ver o catolicismo imitando ritos pentecostais de cura em vários encontros da Renovação Carismática quando, “antes, combatia os grupos pentecostais e as igrejas batistas, inclusive lançando

mão de aparelhos policiais, com a conivência do Estado Novo”. Segundo o sociólogo, “o que escapa a esta perspectiva conservadora é o fato de ela estar mergulhando cada vez mais nas águas, aparentemente sedutoras, do emocional religioso, visto com bons olhos pelo capitalismo que se serve dele com habilidade, esperteza e sucesso”<sup>11</sup>. Dentro da perspectiva pastoral-sociológica proposta neste trabalho, nota-se que Rolim se restringe ao campo da análise social.

Travava-se no seio da própria Igreja Católica uma luta contra as CEBs. Para uma ala conservadora, as CEBs estavam infiltradas de marxismo e para combater essa prática era preciso insurgir-se contra a Teologia da Libertação igualmente considerada marxizada. A Renovação Carismática, nesse fogo cruzado, surgiu como uma luva, agradando a essa ala conservadora da Igreja Católica e muito mais aos regimes totalitários que não tinham nenhum compromisso com a “opção preferencial pelos pobres”, considerada coisa de América Latina e de países de terceiro mundo.

Mais recentemente, no Brasil, numa reportagem sob o título “católicos em transe”, feita pelas jornalistas Thaís Oyama e Samarone Lima, para a revista *Veja*, de 8 de abril de 1998, o padre e teólogo Fernando Altemeyer, da Arquidiocese de São Paulo, deixa bastante clara sua posição frente ao movimento da Renovação Carismática: “Não tenho nada contra os carismáticos, são bem vindos, mas o Pe. Marcelo Rossi não. Ele está produzindo uma outra igreja, um catolicismo medíocre. Nem só de aleluia vive o homem”.

Não deixa de ser essa uma crítica de caráter bastante pessoal. Porém, pelo que representa Pe. Marcelo para a RCC, isto é, uma verdadeira me-

---

<sup>11</sup> Ibidem, p. 207.

gaestrela, essa contundente crítica atinge de cheio o coração dos carismáticos, tanto é que, de imediato, veio a reação de seu colega de showmissa, Pe. Zeca, do Rio de Janeiro, retrucando o teólogo Altemeyer: “Acho que é de aleluia, sim, e de vitalidade que vive a fé”.

Nessa mesma linha de guerra santa, ainda nesse artigo da revista *Veja*, o Pr. José Cabral de Vasconcelos, da Igreja Universal do Reino, referindo-se ao Pe. Marcelo, ataca: “O Culto dele não tem conteúdo e não vai tomar nossos fiéis”. Não fica por menos a resposta por parte da Igreja Católica, desta vez, vinda do respeitado teólogo Dom Estevão Bittencourt: “A Universal ataca qualquer um que traga esperança para a população”.

Concordâncias e discordâncias também ficaram registradas na pesquisa realizada com os católicos praticantes não-carismáticos, em quatro paróquias da Arquidiocese de Goiânia.

Foram apresentadas aos entrevistados oito frases afirmativas para que, diante de cada uma delas, dissessem se “concorda muito”, “concorda pouco” ou “não concorda”. A categoria “não sabe” não foi apresentada como alternativa, mas foi aceita como resposta espontânea.

A partir desse quadro de respostas, pode-se analisar como essa amostra tem percebido a RCC nos dias de hoje, sabendo-se que esses entrevistados não pertencem ao movimento.

FRASES APRESENTADAS	Concorda Muito	Concorda Pouco	Não Concorda	Não Sabe
Se não fosse a RCC, muitos católicos, hoje, seriam evangélicos	32,0	24,0	41,3	2,7
A RCC é uma religiosidade oposta à religiosidade das CEBs	6,7	8,0	4,0	81,3
A missa dos carismáticos é diferente das missas comuns	38,7	38,7	20,0	2,7
A RCC tem vários projetos na linha da assistência social	54,7	18,7	4,0	22,7
A RCC ajuda muito os alcoólatras e viciados em drogas	69,3	16,0	2,7	12,0
A RCC tende a separar-se da Igreja Católica e se tornar uma nova Igreja	9,3	18,7	66,7	5,3
Na RCC há muita comercialização de objetos religiosos, tornando-se uma verdadeira empresa de salvação	18,7	22,7	50,7	8,0

Pelos resultados obtidos, pode-se verificar que a dificuldade maior da amostra pesquisada foi comparar a RCC com as CEBs: 81,3% dos entrevistados não souberam dizer se “esses irmãos gêmeos, nascidos no seio da própria Igreja”, como dizem Pierucci e Prandi, vivem uma religiosidade oposta.

Tendo as CEBs, como seu princípio teológico, forte relação entre fé e vida, para Prandi, a oposição RCC e CEBs é tão grande entre si que até os inimigos que elas combatem para firmar sua identidade são radicalmente diferentes.

Dessa forma, “como os pentecostais publicizam em cânticos, orações e testemunhos infundáveis, hoje presentes incessantemente na televisão, sua aversão ao demônio, as CEBs dão o mesmo tratamento às elites econômicas e políticas que detêm o poder opressor” (PRANDI, 1998, p. 99–100).

Assim, enquanto a RCC coloca o diabo como autor de todo mal, as CEBs, segundo PRANDI (1998), colocam a classe social concreta: a burguesia e seu sistema econômico de exploração, sendo o maior pecado a exploração do homem pelo próprio homem, sem falar no processo de globalização que acaba excluindo milhões de brasileiros do banquete da vida.

Nessa mesma perspectiva social, um dado que nos chama a atenção é que a RCC é vista como um movimento de solidariedade humana. 69,3% dos entrevistados disseram que “concordam muito” com a afirmativa apresentada: “a RCC ajuda muito os alcoólatras e viciados em drogas”. E com a afirmativa “a RCC tem vários projetos na linha da assistência social”, 54,7% dos entrevistados também disseram que “concordam muito”.

Dentro dessa preocupação com a solidariedade humana e assistência social, o exemplo maior vem de um dos fundadores da RCC no Brasil,



padre Haroldo Rahm. “Suas atividades são centralizadas nas Fazendas do Senhor Jesus, destinadas ao tratamento de alcoólatras e viciados em drogas, para o qual adotou também técnicas de ioga” (PRANDI, 1998, 51).

É também interessante o elevado grau de discordância dos entrevistados com a afirmação “a RCC tende a separar-se da Igreja Católica e se tornar uma nova Igreja”. Para 66,7% da amostra não há tendência de a RCC separar-se da Igreja Católica, confirmando a opinião de alguns cientistas da religião que não visualizam uma Renovação Carismática fora do campo religioso maior: a Igreja Católica.

Há, entre os carismáticos, uma preocupação não só de se apresentarem como Igreja Católica<sup>12</sup>, mas também “a de demarcarem as fronteiras entre catolicismo e o pentecostalismo” (MACHADO, 1996, p. 48). Para reforçar essa identidade religiosa católica, distanciando-os dos pentecostais, os carismáticos estimulam entre seus membros a devoção a Maria, por meio da reza do terço, e ao Santíssimo Sacramento, por meio de adorações a Jesus na Eucaristia.

Na pesquisa realizada, a afirmativa “na RCC há muita comercialização de objetos religiosos, tornando-se uma verdadeira ‘empresa de salvação’” foi a que mais suscitou divisão de opinião, contrariando posição de cientistas da religião. 50,7% dos entrevistados disseram que “não concordam” com essa afirmativa e a outra metade mostrou respostas dispersas. Parece-nos que esse ponto não é muito claro para quem está do lado de fora do movimento, embora os cientistas da religião nem sempre pensem do mesmo modo.

---

<sup>12</sup> Pode-se observar terço dependurado no retrovisor interno e adesivos nos carros, dizendo “sou católico graças a Deus”.

Prandi, por exemplo, acha que “não podemos pensar que a sustentação do movimento carismático se dê apenas pela fé. A RCC montou todo um esquema empresarial para garantir o cumprimento de suas metas e o seu conseqüente crescimento” (1998, p. 44).

É bastante significativo o grau de concordância com a afirmativa “se não fosse a RCC, muitos católicos hoje seriam evangélicos”, atingindo mais da metade dos entrevistados, se somados os níveis “concorda muito” e “concorda pouco”. No início, logo que surgiu, a RCC, para alguns membros da hierarquia e cientistas da religião, ela veio como se fosse uma barragem evitando a evasão de fiéis da Igreja Católica rumo a outras denominações religiosas. Adotou, inclusive, certas práticas religiosas pentecostais, valorizando muito a emoção, a glossolalia, ritos de cura, a espontaneidade nas orações, todos orando simultaneamente, levando a pensar que ali “há uma invasão de crentes em território católico” (Ibidem, p. 38).

Essa presença de valores pentecostais é tão forte na prática carismática católica que os entrevistados reconhecem diferença entre missa e missa dos carismáticos. Somados os graus “concorda muito” e “concorda pouco” com a afirmativa “a missa dos carismáticos é diferente das missas comuns”<sup>13</sup>, atinge-se o percentual de 77,4% dos entrevistados que com essa afirmativa concordam.

Na paróquia Sagrada Família, só para trazer dado concreto, o padre nas missas não utiliza o folheto oficial da Arquidiocese de Goiânia, mas apenas a Bíblia que quase todos trazem em suas mãos. E, em certos momentos,

---

<sup>13</sup> Há padres, não nominados aqui por não ter sua autorização, que chegam a dizer: “aquilo lá é outra religião”.

quem está lá no templo assistindo a uma missa de libertação ou de cura, sente-se que está mais em uma igreja evangélica do que em uma igreja católica.

O batismo no Espírito Santo, o que não chega a ser uma novidade se se voltar na história, é o ponto de partida do carismático. É a partir dele que se inicia o processo de evangelização. Nesse ponto há orientações claras da CNBB para não confundir batismo sacramental, ato institucional, com experiência religiosa, de caráter pessoal. Na Igreja Católica, o batismo é o sacramento da iniciação, da pertença. É pelo batismo que se dá uma nova missão na vida do fiel.

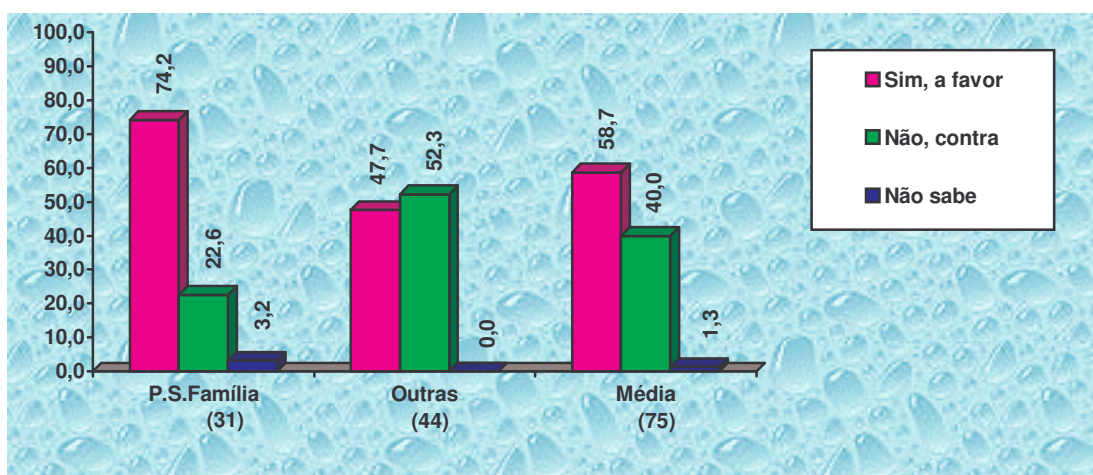
O gráfico 2.5 do relatório da pesquisa, em anexo, revela que 58,7% dos entrevistados não vêem esse batismo no Espírito como sinal de que a RCC caminha para ser uma nova Igreja ao lado da Igreja Católica. No entanto, 33,3% dos entrevistados acham que a RCC caminha, com esse sinal, para se constituir em uma nova Igreja.

A RCC, como o pentecostalismo, vê a renovação espiritual como fruto da ação do Espírito Santo que distribui seus dons a cada um como melhor lhe apraz. A RCC enfatiza os carismas e os dons da profecia, da cura, de línguas, do discernimento, da interpretação e da ciência. Promove missas de libertação e de cura, reunindo multidões de fiéis em busca de verdadeiros milagres que, segundo seus membros, Deus é quem faz.

Sobre essa questão, no gráfico 2.6 do relatório da pesquisa, em anexo, observa-se que apenas 8% dos entrevistados disseram, categoricamente, que “não acreditam que essas curas possam acontecer”. Para 45,3% dos entrevistados, não há dúvida, acreditam que essas curas ocorram. 44% disseram que “acreditam”, pois “depende da fé das pessoas”. Assim, somando essas duas categorias de resposta, pode-se dizer que 89,3% dos entrevistados acreditam na possibilidade de cura. E, segundo PRANDI (1998, p. 37), “o Movi-

mento de Renovação Carismática acredita que a ocorrência do milagre pela intervenção divina é mais ampla e freqüente do que se tem feito acreditar”.

O entrevistador informou à amostra entrevistada que, “pelo que se sabe, nos grupos da RCC, quase não se debate a questão da reforma agrária, justiça social, desigualdades”, e acrescentou, ainda, uma expressão muito corrente na sociedade: “religião e política não se misturam”. Diante dessa colocação, foi feita a seguinte pergunta à amostra pesquisada: “você é a favor ou contra?”



Fonte: Mestrando Roque Toscano, Goiânia, JAN/2001

Analisando os resultados por grupo de paróquias pesquisadas, o que impressiona nesse gráfico é que, pela primeira vez, há uma inversão de resposta por segmento pesquisado. Os católicos praticantes não carismáticos pertencentes à paróquia Sagrada Família têm posição contrária aos pertencentes às outras três paróquias diante da questão “fé e política”.

Na Paróquia Sagrada Família, 74,2% dos entrevistados se mostraram “a favor” do fato de na RCC quase não se debater a questão da reforma agrária, justiça social, desigualdades humanas, enquanto nas outras paróquias, a posição dos entrevistados se inverteu: apenas 42,7% dos entrevistados se

mostraram “a favor” e 52,3% “contra” a ausência de reflexão sobre essas questões político-sociais. Na paróquia carismática, mesmo que estejam fora dos quadros da RCC, os entrevistados mostraram uma visão mais tradicional de pastoral, evitando misturar as coisas de Deus com as coisas profanas, enquanto nas outras paróquias as coisas de Deus e as coisas profanas estão mais imbricadas e não se pode tomá-las isoladamente. Cabe, aqui, uma pergunta: essa diferente posição pode ser resultado da práxis das CEBs nessas paróquias, consideradas menos ou quase nada carismáticas?

A pesquisa buscou também levantar, junto à amostra pesquisada, os pontos fortes e fracos da RCC, isto é, o que mais lhe agrada e o que mais lhe desagrada no movimento dos carismáticos.

Na tabela 2.3 do relatório da pesquisa, em anexo, dois pontos fortes apresentados pelos entrevistados se destacaram: a fé dos carismáticos/o louvor com 26,7% e a alegria/músicas alegres com 24% das opiniões. Praticamente 50% dos entrevistados concentraram sua visão em apenas dois pontos “fé” e “alegria” dos carismáticos, é o que de mais positivo percebem no movimento. Pode-se considerar um dado interessante para o movimento da RCC, porque é assim que os carismáticos querem ser vistos.

Sobre o primeiro ponto forte indicado, veja o que diz Juanes, padre jesuíta e assessor diocesano da Renovação em Santo Domingo, “o carisma do louvor é um dom maravilhoso, que não devemos cansar de pedir. Este carisma é o primeiro e o que mais devemos pedir nos grupos de oração e até mesmo fora deles” (JUANES, 1994, p. 126-127). E, segundo esse sacerdote, o louvor é como uma porta de entrada que vai se abrindo para outros carismas: orar ou cantar em línguas, profecia, curas e outros.

O segundo ponto forte da RCC, na opinião dos entrevistados, foi “a alegria/músicas alegres” que, para o assessor da RCC, o carisma do canto e

da música é um serviço e que “do mesmo modo como o Espírito Santo utiliza nossa linguagem não-conceitual para que oremos e cantemos em línguas, Ele deseja servir-se do canto e dos instrumentos musicais para construir o Reino de Deus” (Ibidem, p. 127).

Falando sobre a identidade teológica, Prandi considera que a teologia do movimento carismático “não é uma teologia que tenha sido elaborada por biblistas de renome, mas surgiu como expressão de uma fé com antecedentes no movimento pietista norte-americano” (PRANDI, 1998, p. 49). Aqui se deve reportar ao grande movimento de avivamento espiritual, na década de 50, ocorrido nos EUA, comprometendo a vida do protestantismo histórico com o surgimento do pietismo dos séculos XVII e XVIII.

Segundo Prandi, com “essa nova onda, valorizando o céu em detrimento da terra, a teologia protestante mobilizou a juventude, basicamente, para a realização de encontros de louvor em que a música e orações em línguas estranhas eram fundamentais” (Ibidem, p. 49-50).

Dessa tabela 2.3 pode-se concluir que a imagem que a amostra tem da RCC é a de um movimento marcado pela fé, pelo louvor em um clima de muita alegria valorizando a música, celebrações animadas, o que se torna um atrativo à participação dos jovens na vida do movimento. (vide anexo)

Na Tabela 2.4 do relatório da pesquisa, pontos fracos da RCC, isto é, o que não agrada aos entrevistados no movimento dos carismáticos, pode-se observar que 56% dos entrevistados não apontam algo que lhes desagrade no movimento. Embora as respostas não se tenham concentrado neste ou naquele aspecto, pode-se observar que alguns dos pontos fracos apontados acabam se relacionando uns com os outros. Assim, 34% dos entrevistados percebem uma imagem negativa da RCC, e o que é mais negativo é “orar em conjunto/gritaria”, “muita pulação/dança”, além da “falta de reflexão sobre

questões sociais e políticas”, “sentimentalismo exagerado” e “missas demoradas”. (vide anexo)

Não é elevada a soma dos percentuais negativos, mas é um sinal visível de que há uma parcela de católicos praticantes que não vê positivamente o movimento de Renovação Carismática principalmente pelo excesso na exteriorização da fé em missas e grupos de oração, quando muitos entram em verdadeiros estados de êxtase. Hervieu-Léger considera que esses “grupos nos quais música, dança e glossolalia são usados para levar participantes a um estado de transe e excitação coletivo são relativamente raros”, e “esta espécie de religiosidade tende a ter uma vida curta” (MACHADO, 1996, p. 22).

Desde a chegada da RCC ao Brasil, no final da década de 60, o número de seus adeptos vem crescendo cada vez mais, atingindo hoje a cifra de uns 10 milhões de adeptos. E aí resta-nos a pergunta: o que tem levado as pessoas a aderirem a esse movimento neopentecostal?

Veja o que pensam os católicos praticantes não-carismáticos sobre o que tem levado as pessoas a aderirem ao movimento da Renovação Carismática Católica, na tabela seguinte:

<b>FATORES DE ADESÃO</b>	<b>(%)</b>
A RCC estimula as pessoas a participar mais / a RCC é mais aberta, mais alegre, mais animada / incentiva a amizade e a união	33,3
Necessidade de Deus / busca de experiência com Deus / o louvor	18,7
Busca de solução para os problemas	16,0
Ela é um caminho par ao jovem	8,0
Missas mais alegres e participação das pessoas	8,0
Padre Marcelo e suas músicas animadas	6,7
Não há cobrança em cima das pessoas	5,3
Curiosidade	4,0
Divulgação nos meios de comunicação	4,0
Visitas às pessoas / solidariedade	1,3
<b>Outros</b>	<b>8,0</b>
<b>Não sabem</b>	<b>8,0</b>
<b>BASE</b>	<b>75</b>

Fonte: Mestrando Roque Toscano, Goiânia, JAN/2001.



Excluindo-se 8% dos entrevistados que disseram não ter uma opinião formada a esse respeito, 92% da amostra apontou algum motivo para tanta adesão à RCC, o que é um indicador forte de que a amostra selecionada tem bastante conhecimento do movimento e percebe as causas de tanta adesão de fiéis a essa prática religiosa.

Um dos fatores mais expressivos de atração de fiéis, indicado em primeiro lugar na pesquisa, é que a RCC, na visão de 33%, estimula as pessoas a participarem mais da vida da Igreja, quer seja em celebrações ou grupos de orações, o que caracteriza uma comunidade mais aberta, mais alegre, mais animada. A esse percentual pode-se somar mais 23% que, disseram com outras palavras, estão batendo na mesma tecla da participação e alegria com que a RCC vem atraindo as pessoas: Ela é um caminho para o jovem/missas alegres e participação das pessoas/Pe. Marcelo e suas músicas alegres.

Em segundo lugar, a necessidade de Deus, a busca de uma experiência com Deus é outro fator de adesão ao movimento carismático, na opinião de 19% dos entrevistados. Essa opinião reforça a idéia de que Deus não morreu, pelo contrário as pessoas sentem a necessidade de sua existência, apesar de que, com a modernidade, as práticas religiosas tenham se revestido um pouco mais de racionalidade, sobretudo na aplicação da ética, ou melhor, de uma nova ética, retomando o pensamento de Weber (1991).

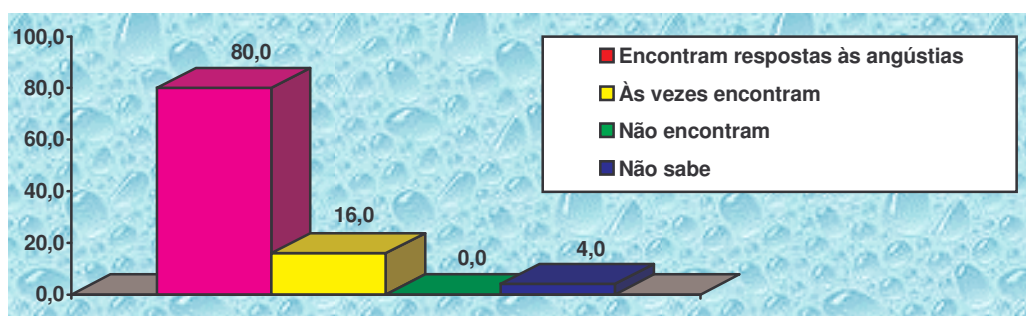
E, nesse ponto, é pertinente a consideração que Maria das Dores Machado faz, analisando Peter Berger: “o ressurgimento das religiões não invalida a teoria da secularização, mas mostra o confronto das tendências duais de secularização e “contra-secularização” nas sociedades contemporâneas” (MACHADO, 1996, p. 189).

É interessante como a amostra pesquisada percebe uma relação direta entre a prática religiosa e as conseqüências dessa prática na vida do indi-



víduo, confirmando teorias weberianas sobre a racionalização e ética no pentecostalismo.

Assim, a amostra pesquisada se posicionou quando perguntado se, fazendo parte da RCC, seus membros encontram respostas para suas angústias e problemas do cotidiano.



Fonte: Mestrando Roque Toscano, Goiânia, JAN/2001

Base: 75

Para 80% dos entrevistados, os membros da RCC encontram respostas para suas angústias e problemas do cotidiano. É opinião da maioria, portanto, que a RCC tem proporcionado soluções aos problemas daqueles que lá procuram.

Segundo Bourdieu, os fiéis esperam da religião “justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte” (BOURDIEU, 1998, p. 25). Para Acquaviva, “esses ressurgimentos religiosos vêm responder às angústias existenciais e à necessidade de um significado religioso para a vida diária” (Apud MARTELLI, 1995, p. 285).

Do gráfico que aborda os fatores que levam as pessoas a aderirem ao movimento, podem-se inferir algumas respostas a essa pergunta. Primeiro, as pessoas estão ávidas de participação, elas não querem simplesmente ser objetos de uma evangelização ocidental, cujo papel é ouvir e obedecer. A

busca de Deus em suas vidas, numa experiência nova, animada, alegre sendo valorizado o louvor na espontaneidade das orações, pedidos, agradecimentos.

Pela pesquisa, a amostra tem uma percepção de um movimento que está mais ligado à emoção, ao sentimento e, conseqüentemente, mais distante do racionalismo, à medida que se valorizam a participação e a espontaneidade do fiel no culto e nos grupos de oração.

Nesse ponto, segundo Durkheim, quando as pessoas vivem a vida religiosa, pode-se perceber a verdadeira função da religião.

“Quando as pessoas vivem a vida religiosa, sentem, com efeito, que a verdadeira função da religião não é nos fazer pensar, enriquecer nosso conhecimento, acrescentar às representações que devemos à ciência representações de uma outra origem e de um outro caráter, mas sim nos fazer agir, nos ajudar a viver. O fiel que se pôs em contato com seu deus não é apenas um homem que percebe verdades novas que o descrente ignora, é um homem que **pode** mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. (...) O primeiro artigo de toda fé é a crença na salvação pela fé” (DURKHEIM, 1996, p.459).

Se para Durkheim a verdadeira função da religião é fazer-nos viver, as pessoas que procuram a RCC a procuram para se sentirem participantes da vida da comunidade. Ali, elas rezam, oram, lançam-se ao chão, choram, desabafam; o líder religioso impõe suas mãos sobre suas cabeças, pede a bênção, reza pela libertação de tudo que está amarrando, impedindo sucesso na vida, proteção para sua casa, para seus filhos.

É o que a RCC se propõe a oferecer a seus fiéis, mas, afinal, quem vai lá buscar algo muito diferente disso? Daí, o índice tão elevado de respostas afirmativas, dizendo que seus membros “encontram respostas para suas angústias e problemas” (80%), podendo adicionar ainda mais 16% que disseram “às vezes”. Interessante é que a resposta “não” apareceu simplesmente zerada, contrariando certos estudiosos que acreditam que a RCC não é capaz

de preencher as necessidades humanas e, muito menos, dar respostas aos problemas existenciais de cada ser humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Viver não significa somente  
atrasar o relógio da morte.  
Viver significa parar este relógio.”*

**(Paulo Suess)**

A religião é algo historicamente entranhado na vida dos homens, fazendo parte de seu processo sócio-cultural, que envolve as aspirações humanas, seus valores. Não revelou outra coisa a pesquisa realizada nas quatro paróquias da Arquidiocese de Goiânia: apenas 5,4% dos pesquisados disseram não pertencer a nenhuma denominação religiosa. É um percentual muito pequeno o daqueles que não estão inseridos num ou noutro campo religioso.

A humanidade sempre tentou a busca de sentido para a existência em espaço e em tempo historicamente determinados. Por isso, as religiões, como as culturas e as civilizações, podem crescer, sofrer abalos e até morrer, pois estão submetidas às constantes mutações das variações sociais.

Na sociedade moderna, a religião perdeu certos espaços, mas não se pode dizer que ela morreu. Sempre houve, na história humana, um interesse muito grande pelo fenômeno religioso, a busca do Sagrado, sem, contudo, segundo Rolim, “anular a progressiva e definitiva investida triunfante da razão”.

Em cada época, revelando essa busca do Sagrado, surgem novas experiências religiosas ou, muitas vezes, são antigas experiências que apenas ressurgem. Foi o caso da RCC que, nas últimas décadas do século XX, vinda

da América do Norte, explodiu na mídia, tornando-se presente em todos os Estados brasileiros, para não falar da sua presença no mundo todo.

Na pesquisa ficou confirmada a hipótese de que a RCC se mostra a seu público como uma proposta de experiência religiosa mais voltada para um dos aspectos da pessoa humana no que toca aos sentimentos, a emoção. Na pesquisa realizada, 100% dos entrevistados da Paróquia Sagrada Família, comunidade carismática, disseram que “emoção na oração, no louvor” está intimamente ligado à Renovação Carismática (Gráfico 2.13.1). Nesse ponto, ela se apresenta com mais vantagens do que a teologia tradicional, talvez impregnada pela filosofia grega, que sempre postergou e, até condenou, atitudes mais sentimentais na relação pessoal com o Sagrado.

Esta análise é expressa pelo cardeal de São Paulo, Cláudio Humes, para quem os carismáticos “têm muito a ver com a pós-modernidade. A modernidade acentuou muito a racionalidade. A pós-modernidade é uma reação contra esse racionalismo exagerado, em que se recupera o corpo, o sentimento, o coração, a gesticulação” (Folha de São Paulo, 2001).

Entende-se aqui a experiência como um dos modos de produzir e de se efetuar o conhecimento, que se caracteriza por não ser um modo discursivo, como o da razão, nem reflexivo, como um voltar atrás para rever e reconsiderar, ao mesmo tempo que se realiza por uma razão interna da pessoa, não se fundamentando em qualquer tipo de motivação externa. E, com Wach, deve-se lembrar que a experiência religiosa empenha “todo o ser humano”, isto é, sua inteligência, sua vontade, seu sentimento e sua imaginação.

Experiência religiosa essa que foi tão esperada por alguns papas como um renovar da própria Igreja que parecia adormecida nas águas da razão. Presente em quase todas as partes do mundo, a RCC arrebanha e movimenta, entre os praticantes, entre aqueles denominados católicos *de nome e*

mesmo entre os que se encontravam afastados ou até aqueles que nunca tinham pertencido a ela. Ninguém no Brasil, por exemplo, repete semanalmente a façanha do Pe. Marcelo Rossi de reunir, em suas missas, milhares de fiéis, em nome do Espírito Santo e de seu terço bizantino, sem falar do Pe. Zeca e de outros sacerdotes carismáticos de expressão mais regional, mas que, igualmente tornaram-se pólos revitalizadores da presença da Igreja Católica na sociedade brasileira.

A Paróquia Sagrada Família, hoje, torna-se pequena para a realização de celebrações, dentre elas missas de cura e libertação, reunindo fiéis de todas as partes de Goiânia, uma vez que essa prática carismática não é comum em outras paróquias da Capital. E a amostra pesquisada não teve a menor dúvida de que “Missa de curas” está intimamente ligada à Renovação Carismática, na opinião de 94% dos entrevistados (Tabela 2.13.1). E, segundo dados da pesquisa, mesmo não fazendo parte da RCC, os entrevistados revelaram que curas podem acontecer, dependendo muitas vezes da fé das pessoas que procuram essas curas (Gráfico 2.6). Apenas 8% disseram não acreditar que essas curas podem acontecer.

A experiência religiosa do Espírito Santo, tal como na RCC a concebe, não deixa de ser considerada cristã. Não pode, pois, ser analisada apenas no âmbito das outras experiências humanas. Por ser cristã, tem de se admitir uma ação divina, a presença da transcendência na imanência da história humana e, em particular, numa pessoa determinada. E, para os carismáticos, essa experiência se inicia com o batismo no Espírito Santo, sendo percebido por 90% dos entrevistados que disseram existir uma ligação entre batismo no Espírito Santo e Renovação Carismática (Tabela 1.13.1).

Mas não se pode perder de vista que 33% da amostra pesquisada vê no batismo no Espírito Santo as bases de uma nova igreja e 34% apontou al-

gum ponto negativo na RCC, isto é, vê o movimento dos carismáticos com certas restrições (Tabela 2.4.1).

A Renovação Carismática não nasceu no Brasil, mas, dentro da universalidade da Igreja, acabou aqui chegando por mãos de padres da própria Igreja e se tornando bastante aceita por uma parte de católicos que sequer questionam sua existência e as conseqüências de sua práxis. Prática esta vista por cientistas da religião muitas vezes desvinculada das questões sociais e políticas de uma sociedade que sofre a dor de uma globalização econômica que exclui do banquete da vida milhões de brasileiros. Essa visão de teólogos e cientistas da religião não é a mesma para a maioria dos católicos entrevistados. Para 74% dos entrevistados, há sim uma ligação entre a Renovação Carismática e “denúncia das injustiças sociais” (Tabela 1.13.1).

Não se pode, ao analisar qualquer fenômeno religioso, perder de vista que toda prática religiosa, cristã, deve estar alicerçada no Evangelho que denuncia tudo o que destrói a identidade do outro, ao invés de garantir vida e libertação. Evangelizar, portanto, além do anúncio da Boa Nova, é também abrir espaço para que o outro, ao evangelizar e ser evangelizado, possa fazê-lo a partir de sua própria cultura e história. E aí é preciso perguntar: A RCC que diz evangelizar a partir do batismo no Espírito, está preocupada com esse diálogo intercultural? A nossa pesquisa não tinha por objetivo responder a essa pergunta, mas é, nesta dissertação, pertinente fazê-la, suscitando talvez novas pesquisas que venham contribuir com a análise desse fenômeno religioso, que jamais se esgotaria em uma ou outra dissertação de mestrado.

Assim, quando Paulo Suess afirma que “na inculturação vale o princípio do diálogo ecumênico: unidade no necessário (nos significados), liberdade nas coisas que não atingem a substância da fé (como signos) e caridade em tudo” (1995), pode-se inferir, pela contextualização lingüística, que

esses valores e princípios por ele defendidos já se encontravam expressos na essência do cristianismo institucionalizado com os primeiros apóstolos. Se a Renovação, pois, se julga semelhante à vida das comunidades primitivas, ela não pode mergulhar-se tanto nas águas do emocional a ponto de perder de vista questões que envolvem a totalidade da existência humana.

Não obstante tudo isso, o Movimento da Renovação Carismática Católica continua atraindo adeptos, lotando igrejas e estádios e, ao mesmo tempo, levantando questionamentos, inclusive sobre a sua origem norte-americana, em meio a universitários bem estabelecidos social e economicamente, com a preocupação de “otimizar” a vivência eclesial numa sociedade abastada de bens materiais. Serviu, ainda, a RCC, para alguns críticos, de anteparo à política do Vaticano contra a Teologia da Libertação que lançava verdadeiros tentáculos de uma nova interpretação teológica da função do cristianismo no contexto sul-americano.

De um lado, a RCC considerada conservadora e, de outro, a Teologia da Libertação, progressista, não obstante ambas tenham sido gestadas no seio da Igreja Católica Apostólica Romana, torna-se difícil chegar, depois de um estudo breve como este, a uma conclusão definitiva. Por isso, é possível que se abram caminhos para novos estudos sobre o mesmo tema, levantando uma questão: a RCC com sua práxis religiosa está contribuindo para a inculturação na perspectiva dos empobrecidos na América Latina e, mais especificamente, no Brasil?

Daí, sem sombra de dúvida, a importância da continuidade do estudo, buscando respostas às indagações que vão surgindo aqui e acolá, revelando sempre as preocupações dos cristãos e da própria Igreja em ser fermento, sal e luz em um mundo marcado pela pós-modernidade. Este trabalho não se constitui, portanto, em um resultado conclusivo, fechado em si. Outras análi-



ses deverão vir e, com certeza, muito contribuirão para melhor compreensão desse fenômeno.

Uma coisa é certa: um movimento que se fecha em si mesmo, preocupado mais com a salvação individual, desconsiderando a cultura do outro, sua identidade, tenderá cair no vazio como, no vazio caiu toda uma cristandade que se esqueceu do Evangelho para levar além das suas fronteiras, não mais que uma cultura. Para Comblin, essa atitude, “reduzindo-se o cristianismo a uma cultura, não passou de uma grande tragédia, inclusive levando a milhões de pessoas mortas em nome de Deus para destruir as heresias ou os inimigos da cristandade”.

A questão parece ser mais uma questão de ênfase, para não dizer que é uma questão de análise global, de visão holística da mensagem evangélica, visão que, por ser holística, não se prende apenas ao interno da Igreja, como também não se prende ao outro extremo de uma análise socioeconômica, de posições conservadoras ou progressistas.

A Teologia da Libertação, tendo apoio de autoridades da Igreja, mas nascida na América Latina, continente subdesenvolvido aspirando à ascensão social de seus povos, coloca em primeiro plano a importância da justiça social implícita na mensagem evangélica como conseqüência irreversível do plano criador, portanto, tida igualmente como justiça de Deus, em continuação plena e legítima da linha profética.

A RCC, nascida em berço economicamente abundante, mas igualmente fiel à tradição judeu-cristã, em seu corpo doutrinal não nega a importância da luta pela justiça social como corolário desta tradição, mas nos atos explícitos de culto coloca em primeiro plano a linha do louvor, da manifestação corporal que, justamente por isso, pela limitação intrínseca da matéria, dá a impressão de ser extremamente individualista.

## BIBLIOGRAFIA

- BOFF, Leonardo. *Evangelizar a partir das culturas oprimidas* in SUESS, P. (org.) *Culturas e evangelização*. São Paulo: Loyola.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. (Org. Sergio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e tendências*. Aparecida-SP: Editora Santuário, 2000.
- CHENU, Bruno. *Com a Igreja no coração: discípulos e profetas*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- GONZÁLEZ, Fidel. *Los movimientos en la historia de la Iglesia*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1999.
- GUTIÉRREZ, Benjamin F. & CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do Espírito: Os pentecostais na América Latina – um desafio às igrejas históricas*. (Trad. Júlio Paulo Tavares Zabatiero). São Paulo: AIPRAL, 1996.
- JUANES, Benigno. *Que é a Renovação Carismática?*. São Paulo: Loyola, 1994.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- MESTERS, Carlos. *Deus, onde estás?*. Petrópolis: Vozes, 1991.

- ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.
- PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Dicotomias Religiosas: ensaio de sociologia da religião*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SILVA, Maria da Conceição. *Vem, Espírito Santo, vem: o catolicismo carismático em Goiânia (1973-1998) – Dissertação de mestrado*. Franca, 1998.
- SUESS, Paulo. *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros: ensaio de missiologia*. São Paulo: Paulus, 1995.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. (Trad. Irene de Q. F. Szmrecsányi). São Paulo: Pioneira, 1991.
- OFENSIVA NACIONAL. *Manual da Renovação Carismática Católica*. Aparecida-SP: Editora Santuário, vol. 1, 1993.

#### JORNAIS:

- O Estado de São Paulo, 2-3-99.
- Folha de São Paulo, 6 de fevereiro de 2000, p. 12-13
- O Popular, Goiânia, 06 de fevereiro de 2000
- O Popular, Goiânia, 11 julho de 2000
- Folha de São Paulo, 20 de maio de 2001, p. 10-11

**PERIÓDICOS E REVISTAS:**

Veja, ano 1996.

Fragmentos de Cultura, v. 8, n. 6, 1998.

Fragmentos de Cultura v. 10, n. 2, 2000.

**DOCUMENTOS DA IGREJA:**

Gaudium et Spes, Constituição pastoral do Concílio Vaticano II, 1966.

Lumen Gentium (De Ecclesia), Constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja, 1977.

Orientações Pastorais à Renovação Carismática, CNBB, 1994.

Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas, CNBB, N. 62, 1999.

## **ANEXO**

*(Pesquisa de Campo)*